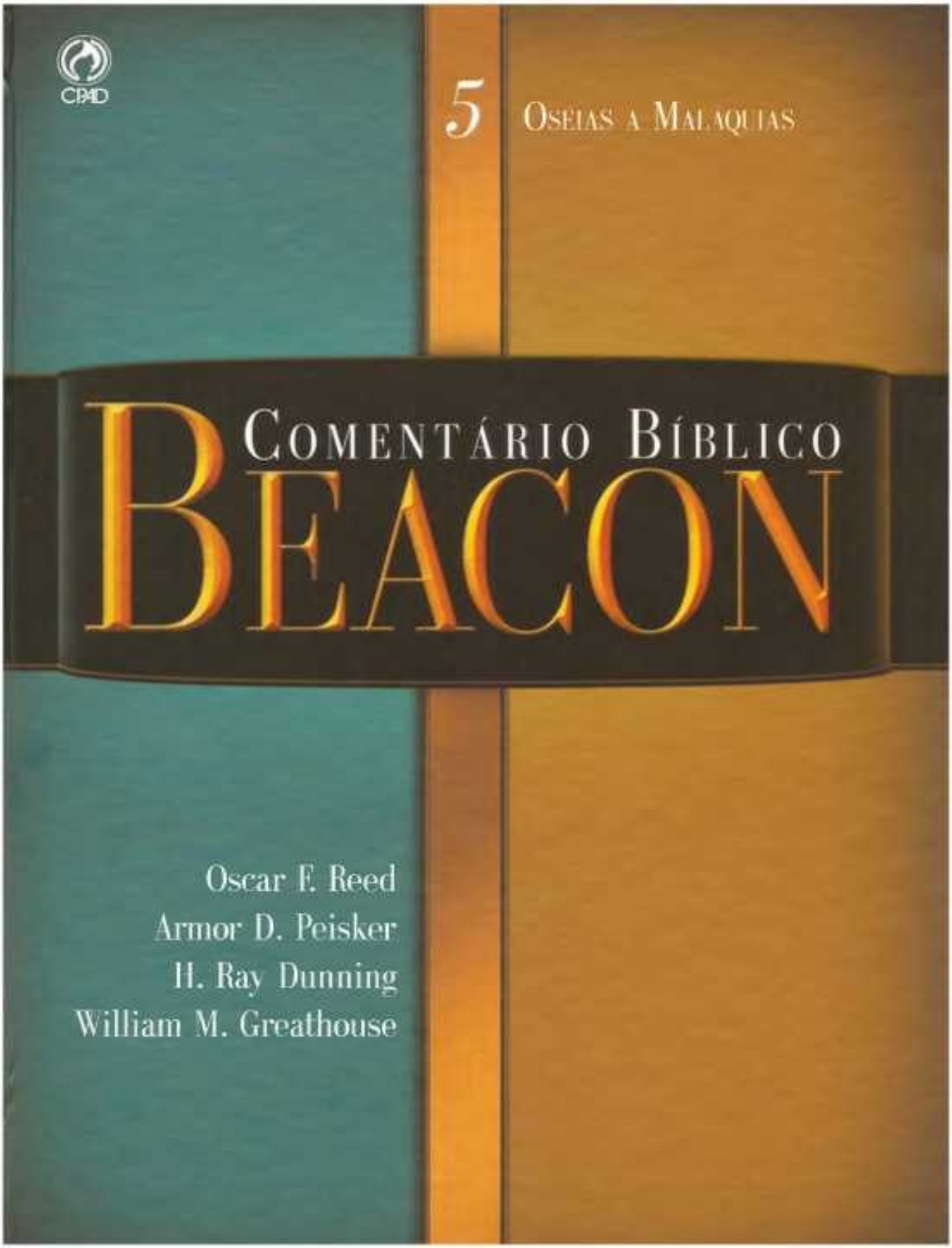
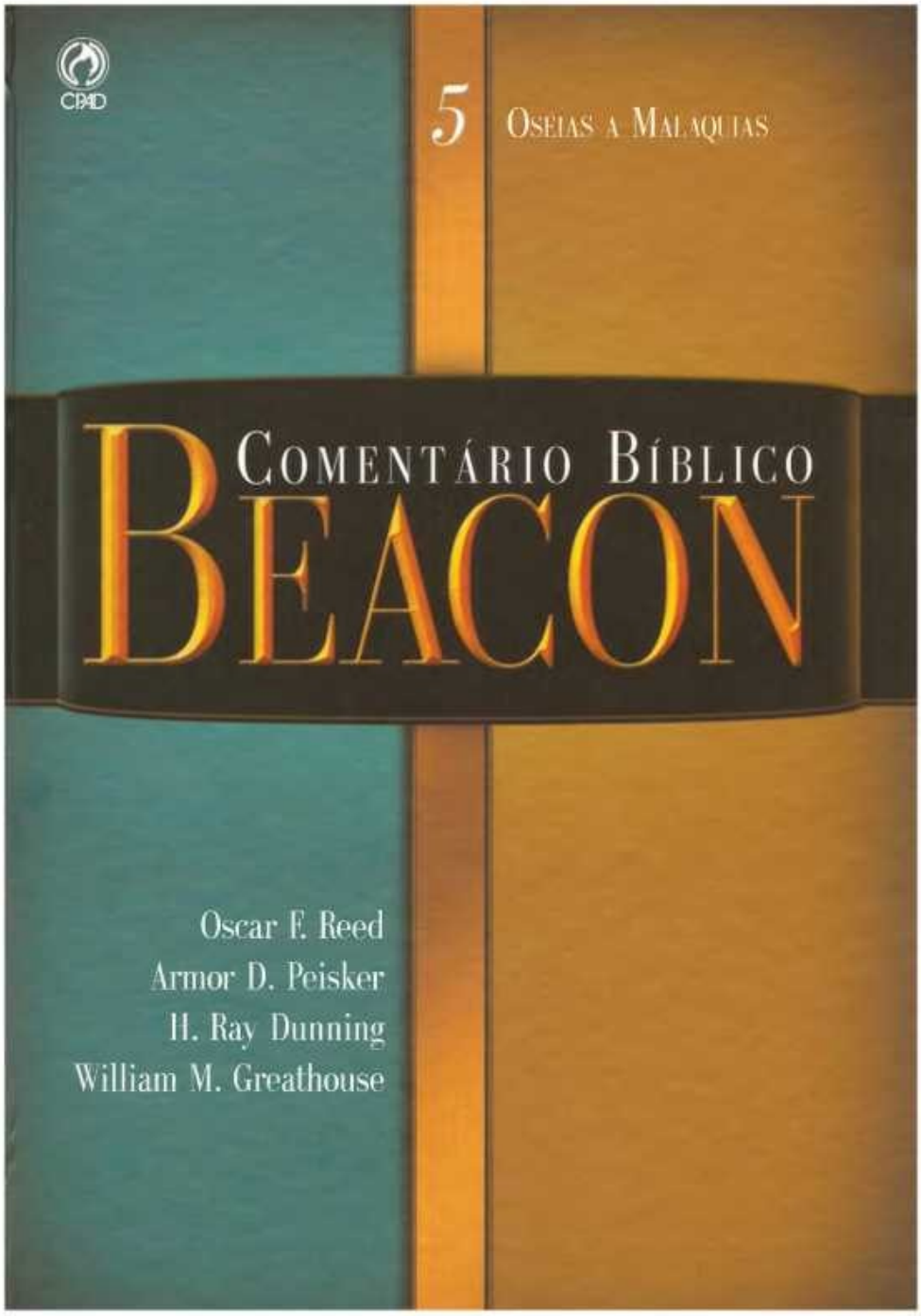

CPAD
5
Oseias a Malaquias
Comentário Bíblico
Beacon
Oscar F. Reed
Armor D. Peisker
H. Ray Dunning
William M. Greathouse


CPAD
5
Oseias a Malaquias
Comentário Bíblico
BEACON
Oscar F. Reed
Armor D. Peisker
H. Ray Dunning
William M. Greathouse

1. ZACARIAS
2. ORÁCULOS DURANTE A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO
3. ORÁCULOS DEPOIS DA CONSTRUÇÃO DO TEMPLO
    1. Notas

Comentário Bíblico

EACON

OsÉIAS A MALAQUIAS

5



CB4D

0 Livro de

ZACARIAS

William M. Greathouse

Introdução

A. O Profeta

O nome Zacarias não era incomum em Israel. Significa "Jeová se lembra" ou "Jeová se lembrou" *(i.e.,* de responder as orações dos pais por um filho). O título do livro diz que este profeta é "filho de Berequias" e neto "de Ido" (1.1). Esdras, por outro lado, menciona que é "filho de Ido" (Ed 5.1; 6.14). Esta discrepância é mais aparente que real. E facilmente explicada quando se considera que Berequias morreu antes de Ido e Zacarias sucedeu seu avô na chefia da ordem sacerdotal de Davi.[1] Há vários exemplos no Antigo Testamento em que os homens são chamados filhos de seus avôs (Gn 29.5; cf. Gn 24.47; 1 Rs 19.16; cf. 2 Rs 9.14,20). "Como nestes casos", observa George Adam Smith, "o avô era

considerado o fundador da casa, assim, no caso de Zacarias, Ido era o chefe de sua família quando saiu da Babilônia e estabeleceu-se novamente em Jerusalém".[2] O fato de Esdras referir-se a Zacarias como filho de Ido deve ser entendido no sentido geral de descendente.

Em todo caso, este profeta era membro da família sacerdotal de Ido, que voltou da Babilônia para Jerusalém sob as ordens de Ciro (Ne 12.4). O livro de Neemias acrescenta a observação de que no sumo sacerdócio de Joiaquim, filho de Josué, Zacarias foi nomeado chefe da casa de Ido (Ne 12.10,16). Se este é o profeta que intitula este livro, como é razoável supor, então era jovem em 520 a.C. e criança quando foi para Jerusalém numa caravana da Babilônia. O livro de Esdras nos informa que Zacarias compartilhava com Ageu o trabalho de animar Zorobabel e Josué a reconstruírem o Templo (Ed 5.1,2; 6.14).

A carreira profética de Zacarias começou "no oitavo mês do segundo ano de Dario" (1.1), que é em novembro de 520 a.C. A primeira fase de seu ministério durou até o nono mês do quarto ano do reinado do rei, ou seja, até dezembro de 518 a.C. (7.1). Nada sabemos sobre os anos restantes da vida ou ministério do profeta, com exceção da declaração de nosso Senhor de que foi morto "entre o santuário e o altar" (Mt 23.35).

B. O Livro

A unidade do livro é seriamente questionada pelos estudiosos. As duas divisões principais - capítulos 1 a 8 (designados neste comentário por Zacarias I); e os capítulos 9 a 14 (que chamaremos Zacarias II) - são tão dessemelhantes em estilo e ponto de vista histórico que tornou-se comum atribuir a cada uma destas divisões um autor diferente.

Zacarias I é composto de profecias datadas segundo os anos do reinado de Dario I Histaspes, do segundo ao quarto ano (520-518 a.C.). Nesta divisão, Dario ainda reinava quando o exílio terminou (1.12; 7.5). No entanto, muitos judeus estão na Babilônia (2.6); outros se espalharam pelo mundo (8.7). A comunidade em Jerusalém é pequena e fraca, formada principalmente por jovens e pessoas de meia-idade que vieram da Babilônia; há poucas crianças e pessoas idosas (8.4,5). Josué e Zorobabel são os chefes eclesiásticos e políticos da comunidade (3.1-10; 4.6-10; 6.11-15). Os alicerces do Templo estão assentados, mas o término da construção está no futuro (4.6-10). Contudo, à medida que o livro se desenrola, em dezembro de 518 a.C. o santuário fica suficientemente pronto para que os sacerdotes já estejam nele (7.3). Não há mais necessidade de se fazer os jejuns do exílio (7.5-7; 8.18,19). O futuro é alvissareiro com as esperanças messiânicas (8.20-23). Acima de tudo, os árduos reveses com a natureza acabaram e as pessoas têm tempo de erguer os olhos e ver as nações que vêm de longe para adorar em Jerusalém (8.20-23). Estas características não deixam dúvida de que os primeiros oito capítulos do livro são do próprio profeta e do período ao qual ele os data: novembro de 520 a.C. a dezembro de 518 a.C.

Quando passamos para o capítulo 9 percebemos que estamos numa situação histórica completamente diferente, e o ambiente está em nítido contraste com os capítulos 1 a 8. Os israelitas enfrentam um novo conjunto de forças históricas, e as palavras que lhes são dirigidas revelam um espírito diferente. Não há referência à construção do Templo ou sequer uma única reflexão sobre os acontecimentos sob cuja pauta Zacarias I foi escrito. Encontramos nomes de potências pagãs não mencionados na primeira divisão: Damasco, Hadraque, Hamate, Assíria, Egito e Grécia. A paz e a forte afeição pela paz, características tão proeminentes em Zacarias I, estão ausentes. A guerra, se ainda não começou, é iminente. Por estas e

outras razões, a atual crítica bíblica, sobretudo a pertinente ao estilo, designa Zacarias II a outro autor.

Em 1683, Joseph Mede promoveu a idéia que se tornou conhecida por teoria do pré-exílio concernente à autoria de Zacarias II. Afetado pelos fatos acima e movido pelo desejo de defender a correção de Mateus ter atribuído a passagem de Zacarias 11.12,13 ao profeta Jeremias (ver Mt 27.9,10), Mede designou Zacarias II a uma data anterior ao exílio. Acreditava, também, que muitas coisas na primeira divisão aplicavam-se melhor ao tempo de Jeremias do que ao de Zacarias.[3] A opinião ganhou ampla aceitação, e, em fins do século XIX, muitos intérpretes reputavam que Zacarias II fosse uma coletânea de profecias referentes ao pré-exílio ligadas acidentalmente à profecia do pós-exílio de Zacarias.

Embora Grotius (1644) e H. Corrodi (1792) se opusessem à teoria do pré-exílio de Mede e apresentassem argumentos a favor de uma data posterior de Zacarias II,[4] foi Bernard Stade quem virou o curso da crítica ao que hoje é conhecido por teoria pós-alexandrina. Em 1881, Stade publicou um artigo no qual demonstrou, através de um estudo de relações literárias e indicações históricas, que estes capítulos não podiam ser anteriores a Ezequiel.[5] Seu ponto de vista era que Zacarias II foi escrito durante as guerras dos diádocos (cada um dos generais que disputaram entre si o controle do império de Alexandre, o Grande, após sua morte), de 323 a.C. a cerca de 278 a.C.[6]

Na atualidade, a erudição bíblica está dividida entre os que defendem a unidade do livro inteiro, ao datar Zacarias II depois de 480 a.C. em vista de 9.13 aludir à ameaça da Grécia,[7] e os que colocam a segunda divisão no período grego ou pós-alexandrino (depois de 330 a.C.). Aqueles que advogam a primeira opinião entendem que Zacarias II é da lavra do profeta em seus anos de velhice. Os defensores da visão pós-alexandrina, embora não concordem em uma teoria única da data da composição (datam Zacarias II diversamente de 333 a.C. a 140 a.C.), têm necessariamente de rejeitar a autoria de Zacarias da segunda divisão do livro.

C. A Unidade de Zacarias

A erudição bíblica conservadora levanta sérias objeções à teoria pós-alexandrina e pós-zacariana de Zacarias, e firma-se nos seguintes fundamentos:

1) O argumento mais forte aduzido a favor da teoria pós-alexandrina é a referência aos filhos da Grécia em 9.13. Na época, pensava-se que os gregos fossem uma ameaça contra Sião e os consideravam potência mundialmente dominante. No entanto, a profecia é de derrota, não de vitória, para os filhos da Grécia. Além disso, a passagem de 9.12,13 não descreve uma batalha, mas *profetiza* um futuro confronto entre Sião e a Grécia, do qual os judeus sairíam triunfantes. Nos dias de Zacarias, as vitórias gregas sobre Xerxes em Salamina, Platéia e Micale (480-479 a.C.) seriam suficientes para colocá-las na atenção de seus contemporâneos. Amenos que rejeitemos a possibilidade da predição profética em base dogmática, não há motivo para Zacarias não poder ter escrito estas palavras na década de 470 a.C.[8]

2) O argumento literário também foi abordado. Os críticos afirmam que o estilo de Zacarias II difere de Zacarias I. A frase: “Assim diz o Senhor”, tão freqüente nos capítulos 1 a 8, ocorre apenas uma vez na segunda divisão. Por outro lado, a expressão “naquele dia” é usada 18 vezes em Zacarias II contra somente quatro ocorrências em Zacarias I. Ademais, dizem que o estilo da última seção é mais poético. Contudo, os estudiosos conservadores mostram que há características

de estilo até mais significativas que são comuns a ambas as seções. É de comum acordo que o estilo de um autor muda com o transcurso dos anos e ao tratar de uma situação histórica diferente. Nos dias em que o profeta convocava os compatriotas judeus a reconstruir o Templo, a frase profética: "Assim diz o Senhor" era necessária para reforçar a autoridade divina da convocação. Por outro lado, a expressão escatológica "naquele dia" é mais apropriada em profecias que olham o futuro mais distante de Israel, o tema de Zacarias II.

Os defensores da unidade da autoria de Zacarias ressaltam a persistência das seguintes características estilísticas:

a) A expressão: "Diz o Senhor", *ocorre* 27 vezes em Zacarias I e sete vezes em Zacarias II.

b) A frase hebraica traduzida com o sentido de "os olhos do Senhor" ocorre duas vezes em Zacarias I (4.10; 8.6) e uma vez em Zacarias II (9.8; duas vezes se aceitarmos 12.4: "os meus olhos").

c) O título divino: "O Senhor dos Exércitos", é encontrado 46 vezes, ou seja, 38 na primeira divisão e oito na segunda.

d) O verbo hebraico traduzido por "habitar", no sentido especial de "estar habitado", "estar povoado", "estar instalado", acha-se duas vezes em cada divisão e muito raramente em qualquer outro lugar do Antigo Testamento.

e) Há um tipo peculiar de paralelismo hebraico dividido em cinco partes que ocorre escassamente fora de Zacarias, mas que aparece uma vez em Zacarias I (6.13) e três em Zacarias II (9.5,7; 12.4).[9]

No que tange ao idioma, todos os estudiosos concordam que o hebraico em ambas as partes de Zacarias é puro e notavelmente livre de aramaísmo. Pusey observa: "Em ambas as divisões há certa completude de linguagem, produzida pela insistência no mesmo pensamento ou palavra: em ambas as seções, o todo e suas partes são, para dar ênfase, mencionados juntos. Em ambas as partes, como conseqüência desta completude, ocorrem a divisão do versículo em cinco porções, ao contrário da regra habitual do paralelismo hebraico".[10]

3) Por fim, temos de observar que aqueles que rejeitam a autoria de Zacarias dos capítulos 9 a 14 estão em discordância extrema e incorrigível entre si concernente a uma teoria alternativa. As referências nos capítulos 9 a 14 conduzem a diversas datações de suas diversas partes integrantes, variam desde aproximadamente 330 a 140 a.C., e dependem de quais correlações sejam feitas com episódios e personagens ligados com a história helenística.

As dessemelhanças aceitas entre Zacarias I e Zacarias II podem ser tratadas sem comprometer a convicção na unidade da autoria. Collins expressou bem a idéia:

[...] Nos capítulos 1 a 8, o profeta preocupa-se primariamente com os acontecimentos contemporâneos, particularmente com a reconstrução do Templo; ao passo que nos capítulos 9 a 14, lida com os acontecimentos futuros, como a vinda do Messias e a glória de seu reinado. Por conseguinte, é natural que a primeira divisão seja de estilo histórico, enquanto que a última, de estilo apocalíptico. Outrossim, é provável que a primeira parte da profecia pertença à vida do jovem Zacarias, e a segunda à sua idade avançada. As evidências internas do livro são favoráveis, como mostra tão claramente W. H. Lowe, à origem pós-exílica de ambas as divisões e à unidade de autoria.[11]

Esboço

I. Oráculos durante a Construção do Templo, 1.1—8.23

A. A Chamada ao Arrependimento, 1.1-6

B. As Visões de Zacarias, 1.7—6.8

C. A Coroação do Rei, 6.9-15

D. A Consulta e a Resposta sobre os Dias de Jejum, 7.1—8.

II. Oráculos depois da Construção do Templo, 9.1—14.21

A. O Peso de Hadraque, 9.1—11.17

B. O Peso de Israel, 12.1—14.21

Seção I

- ORÁCULOS DURANTE A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO
- ORÁCULOS DEPOIS DA CONSTRUÇÃO DO TEMPLO
  - Notas

ORÁCULOS DURANTE A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO

Zacarias 1.1—8.23

Os primeiros oito capítulos de Zacarias são profecias datadas de acordo com o reinado de Dario, do segundo ao quarto ano de seu governo.[1] Embora estes textos contenham certas exortações à construção do Templo, a maioria das profecias pressupõe o progresso deste trabalho e busca promovê-lo. O retrospecto histórico e as esperanças inspiradoras dos efeitos messiânicos com a conclusão do Templo são os incentivos para essa promoção. Nestes capítulos, Zacarias demonstra sua verdadeira vocação profética, porque inicia os oráculos chamando o povo ao arrependimento.

A. A Chamada ao Arrependimento, 1.1-6

Em fins de 520 a.C., o Senhor levou Zacarias a convocar os judeus ao arrependimento com a garantia de que, se retornassem, Jeová voltar-se-ia para eles. Não era para imitarem seus pais, que se rebelaram contra os avisos dos profetas do pré-exílio e, desta forma, causaram o julgamento do Senhor. Os pais e os profetas já não existem. Mas o poder eficaz da palavra de Deus permanece, como bem sabe as pessoas a quem Jeová avisa, pois ela as alcança.

O oitavo mês no qual a **palavra do Senhor (1)** veio ao profeta, corresponde a outubro-novembro. Antes do exílio, o mês se chamava bul (1 Rs 6.38), mas após o retorno dos judeus passou a ser conhecido por marquesvã. Este nome derivava, provavelmente, de uma palavra hebraica que significava "molhado" ou "chuvoso", e sugere as constantes chuvas que caracterizavam o mês. Não é dado o dia do mês.

Zacarias começou sua carreira profética exatamente dois meses depois de Ageu (Ag 1.1). Sua convocação ao arrependimento era apropriada, mesmo depois das promessas feitas por seu antecessor, visto que tais promessas eram condicionadas ao arrependimento.[2]

O **segundo ano de Dario** mostra a prática em vigor no cativeiro de usar as datas dos reis estrangeiros a quem os israelitas eram súditos. Antes, datavam sua história de acordo com os anos dos reinados de seus reis. Em relação à identidade de **Zacarias, filho de Berequias, filho de Ido,** ver Introdução, "0 Profeta". O título **profeta** refere-se a Zacarias, mas Cashdan ressalta que "de acordo com a acentuação massorética, pertence a Ido. [...] Os rabinos eliminam toda dúvida com o comentário: 'Sempre que o nome de um profeta é dado junto com seu pai, é para indicar que ele era profeta e filho de profeta'".[3]

A palavra de Deus para Zacarias é forte: **O SENHOR tem estado em extremo desgostoso com vossos pais** (2), literalmente, "tem estado descontente com desgosto". Dods afirma que a palavra significava originalmente "irromper em indignação há muito controlada".[4] **Vossos pais** é referência à geração anterior ao cativeiro. Os antepassados dos israelitas caíram no desagrado máximo de Deus. "Agora, pela primeira vez nesta nova era da história dos israelitas, Deus lhes envia, como fizera com seus pais de outro-ra, os servos do Senhor, os profetas, Zacarias e Ageu, com uma convocação ao arrependimento e uma promessa de reconciliação".[5]

Tornai para mim... e eu tornarei para vós, diz o SENHOR dos Exércitos (3). Esta frase é traduzida melhor assim: "Voltai para mim, [...] e eu voltarei para vós" (ECA). 0 verbo *voltar* indica mudança de conduta. Deus promete mudar de atitude para com seu povo se este concertar seus caminhos. "Houvera um avivamento e o povo voltara à terra da escolha de Deus. Contudo, é óbvio que o povo não tinha voltado ao Senhor Jeová de todo o coração e de modo espiritual".[6] A repetição tripla da expressão **diz o SENHOR dos Exércitos** dá distinção à autoridade da mensagem.

0 profeta adverte seus compatriotas a não imitarem seus **pais,** visto que estes não atenderam ao que diziam os **primeiros profetas** *(i.e.,* os do período pré-exílico, 7.7,12) e recusaram concertar seus **caminhos** (4). Se fossem como eles no pecado, também seriam como eles no castigo. Por meio deste oráculo, Deus contrariava o pensamento que naturalmente ocorria aos judeus que voltaram para Judá. Não era para presumirem que eram um novo povo sem as ameaças agourentas que pendiam sobre eles, como tinham incorrido seus pais. A desobediência de seus genitores era mesmo uma forte palavra profética para eles. "Seus pais e os profetas já não existem, mas a comprovação que seus pais deram à verdade sobre o aviso dos profetas permanece. Vocês não têm os mesmos avisos que soam nos ouvidos como seus pais tinham; vocês não têm homens como Jeremias para induzi-los à santidade. Os profetas não vivem para sempre. Mas vocês têm o que seus pais não tiveram; vocês têm a veracidade das palavras divinas de aviso escritas no destino de seus pais".[7]

Contudo, as minhas palavras e os meus estatutos... não alcançaram a vossos pais? (6). A suposta contradição com o versículo 4 é evitada com esta tradução: "Mas as minhas palavras e os meus decretos [...] não surpreenderam vossos pais?" (VBB). 0 povo rebelde fora forçado a confessar: **Assim como o SENHOR dos exércitos fez tenção de nos tratar... assim ele nos tratou.**

B. As **Visões de Zacarias**, 1.7—6.8

As visões de Zacarias são um traço característico de sua profecia. Algumas são bastante curtas; outras contêm uma riqueza de imagem. Por meios delas o profeta expressa a mesma mensagem sublime encontrada em outras partes do livro. Entre estas visões ocorre o mais espiritual de todos os seus enunciados: "Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos" (4.6). Estas visões expressam a necessidade de perdão divino, enfatizam a realidade do pecado e declaram o poder de Deus em banir o pecado de seu povo. Contêm a promessa de Jerusalém ser a cidade da paz, a única defesa do próprio Deus. Predizem que a destruição dos impérios pagãos é ato de Deus; e em todas as visões há a ausência de distúrbios e a glória da guerra.[8]

As visões não são sonhos, mas "uma série de alegorias conscientes e artísticas - a tradução deliberada em um simbolismo cuidadosamente estruturado das verdades divinas com as quais o profeta foi incumbido por seu Deus".[9]

Todas as visões estão datadas: **Aos vinte e quatro dias do mês undécimo (que é o mês de sebate), no segundo ano de Dario** (7; *i.e.,* janeiro ou fevereiro de 519 a.C.). Há também um impulso divino: **Veio a palavra do SENHOR ao profeta Zacarias, filho de Berequias, filho de Ido.**

1. *Os Quatro Cavaleiros* (1.8-17)

Os 70 anos que Jeremias determinara para a duração do cativeiro babilônico (Jr 25.12) estavam bem perto de terminar. Já

fazia quatro meses desde que Ageu assegurara aos judeus que "daqui a pouco" Deus faria tremer os reinos e, por meio desse tremor, traria nova glória ao Templo e à nação (Ag 2.6,7). O povo de Jerusalém estava impaciente com a demora. O mundo *não sofrerá* qualquer tremor; não havia movimento político que prometesse restabelecer a glória de Jerusalém. Uma decepção natural começara a se instalar e as pessoas passaram a questionar se a promessa de Deus significava ter algum cumprimento prático. Foi neste estado de coisas que a palavra do Senhor veio a Zacarias.

Na visão, Zacarias vê uma tropa de cavaleiros em um vale estreito, profundo e cheio de murtas, próximo de Jerusalém. O líder vai à frente. O profeta é informado de que estes são batedores de Deus que patrulham a terra e que voltaram com o relatório de que o mundo está em paz. O sentido da visão é mostrar que o tempo está próximo para o Senhor cumprir sua promessa de misericórdia para Jerusalém e de prosperidade para as cidades de Judá. Após a visão, há uma proclamação de restauração e prosperidade.

O profeta vê um **homem montado em um cavalo vermelho** (8). O cavalo estava parado **na profundeza,** ou no fundo do vale, **entre as murtas.** A cena da visão era, provavelmente, um local conhecido que ficava nos arredores de Jerusalém. Pelo visto, era um lugar ao qual Zacarias freqüentemente se retirava para orar e meditar. A princípio, o profeta pensou que via um encontro de batedores da cavalaria persa, o líder destacado à frente e o restante atrás, e tinham chegado naquele instante em **cavalos vermelhos, morenos e brancos** para apresentar os relatórios. E provável que haja certo significado relacionado com as cores dos cavalos, embora não esteja clara qual seja esta significação. A opinião de que as cores têm referência a missões diferentes aos quais os batedores foram enviados não é apoiada pelo contexto; todos apresentaram o mesmo relatório (o caso de Ap 6.2,4,5,8 é, obviamente, diferente). Talvez as cores tivessem certa relação com os quadrantes da terra onde os cavaleiros patrulharam.[10] O problema fica mais complicado com o fato de que a palavra hebraica traduzida por **moreno** não ocorre em outra parte da Bíblia e que não há acordo entre os estudiosos quanto a qual cor o termo se refere.

Zacarias logo fica ciente que estes não são homens, mas anjos; e com mudança de função e figura rápida e dissolvente que caracteriza todas as aparições angelicais, explicam-lhe sua missão.[11] **Senhor meu, quem são estes?,** pergunta o profeta surpreso (9). Estas palavras são dirigidas ao anjo intérprete que estava ao seu lado, identificado ao longo destas visões por: **O anjo que falava comigo** (9; cf. 13,14,19; 2.3; 4.1,4,5; 5.10; 6.4). Quem responde é o **homem** que estava montado no cavalo da frente. Os cavaleiros são batedores de Deus que voltaram do levantamento que fizeram da **terra** inteira. Falam por iniciativa própria e informam ao **anjo do SENHOR** que **toda a terra está tranqüila e em descanso** (11). O que está subentendido é que todas as nações gozam de segurança, ao passo que só Jerusalém e Judá estão em estado de miséria e opressão. Neste momento, o **anjo do SENHOR** vira intercessor: **O SENHOR dos Exércitos, até quando não terás compaixão de Jerusalém e das cidades de Judá, contra as quais estiveste irado estes setenta anos?** (12). Os 70 anos preditos por Jeremias chegam ao fim (Jr 25.11,12; cf. Ag 1.2). Está na hora de Deus agir.

Agora o próprio Senhor intervém, responde ao anjo intérprete e dar garantias consoladoras. Não sabemos em que forma apareceu (cf. 7.1-9; 8.1-3; 9.1). Surge em cena abruptamente, da mesma maneira que "o anjo" intérprete, no versículo 9, e "o anjo do SENHOR", no versículo 11. Pelo visto, Zacarias não ouviu a resposta do Senhor; por isso o **anjo** intérprete lhe dá o oráculo divino: **Com grande zelo, estou zelando por Jerusalém e por Sião** (14). "Eu tive e ainda tenho ciúmes" (cf. BV), é a tradução literal do original hebraico. O ciúme de Jeová por seu povo (cf. 8.2) o incita agora a finalmente interpor-

se a favor dos judeus (cf. Is 42.13; 59.17; Ez 36.5,6; 38.19). Seu ciúme é o zelo que tem por seu povo. Moffatt traduz assim: "Estou comovido, profundamente comovido em prol de Jerusalém". O Senhor declara que está **irado... com grandíssima ira... contra as nações em descanso** (15), porque causaram mais dano a Jerusalém do que foram incumbidas de causar. Deus levantara os pagãos para castigar o seu povo (Is 10.5,6; Hc 1.5,6); porém fizeram mais do que o Senhor pretendia: "Eu estava apenas um pouco zangado com o meu povo, mas essas nações o maltrataram muito mais do que Eu havia planejado" (15, BV). Foram longe demais na questão, e excedem em muito os limites do propósito divino de usá-las para julgar Israel. Por conseguinte, a ira de Deus contra Judá transformou-se em compaixão. O Templo e a cidade serão reconstruídos, e os judeus gozarão novamente de prosperidade: **Assim diz o SENHOR dos exércitos** (16,17).

O escopo desta primeira visão é claro. Transmite a inconfundível promessa de três acontecimentos futuros: 1) **Aminha casa... será edificada** (16). Areconstrução do Templo, no qual o Senhor habitaria como antigamente (cf. 2.10), seria a prova final de que a sua ira estava no fim. O Templo foi concluído quatro anos depois, no sexto ano de Dario (Ed 4.15). 2) **O cordel será estendido sobre Jerusalém** (16), ou seja, a linha de medir (cf. NVI). Esta é uma figura de linguagem para dizer que "a cidade será reconstruída" (cf. BV; NTLH). Alguns anos depois, Neemias cumpriu esta tarefa (Ne 6.15). 3) **As minhas cidades ainda aumentarão e prosperarão** (17). O cumprimento desta palavra ocorreu mais tarde durante o governo dos príncipes asmonianos. Além deste período, a profecia não avança expressamente. Contudo, as palavras finais: **O SENHOR ainda consolará a Sião e ainda escolherá a Jerusalém,** apontam para o reino do Messias.[12]

Nesta primeira visão, encontramos **o anjo do SENHOR (11,12).** Ao longo do Antigo Testamento, sempre aparece, fala e age como o próprio Jeová. Em Êxodo **3.2,** por exem-pio, lemos que "apareceu [...] o Anjo do SENHOR" a Moisés. Com referência à mesma pessoa, algumas frases mais à frente, a narrativa diz: "E, vendo o SENHOR" (Ex 3.4). E difícil determinar se o Anjo do Senhor é um ser com existência própria ou é um modo de automanifestação de Deus. Pelo que deduzimos, é a Palavra de Deus personificada. Ao agir como porta-voz do Senhor, está tão integrado com Jeová que fala de si pelo *Eu* divino. Robertson Smith declara "que representa Deus ao homem de forma tão direta e completa que, quando fala ou age, sentimos que é o próprio Deus que fala ou age".[13] Por outro lado, na passagem acima (12), representa o homem a Deus. Aqui, é o Anjo Intercessor que apresenta a causa dos homens ao Pai. "O que vemos nestas teofanias", escreve G. A. F. Knight, "é o esforço tateante em descrever em termos pictóricos uma experiência de Deus que não podia ser inteiramente conhecida até que se revelasse em Cristo. Mas, quando se mostrava assim, descobrimos que a revelação do Novo Testamento era incrivelmente parecida com o que vagamente se descobria no, e pelo Antigo Testamento". A realidade expressa nesta passagem, continua Knight, *"é* que Deus é realmente uma comunhão consigo mesmo, um organismo: a trindade".[14]

Por conseguinte, F. B. Meyer tem razão em insistir que o Anjo do Senhor em Zacarias é "ninguém mais que o Anjo do Concerto, nosso bendito Senhor em Pessoa".[15] Seu comentário sobre os versículos 12 a 14 são totalmente comprobatórios: "Era como se o Pai tivesse ouvido e respondido as súplicas do Filho, e lhe dado uma resposta que é passada para o anjo-guia de Zacarias". Em seguida, pergunta:

Você, meu leitor, sente-se desconsolado pela pressão de sofrimentos que há muito o afligem? Os castigos de Deus foram tremendamente exagerados por aqueles que promoveram a aflição. Contudo, ânimo! Há Alguém que sempre vive para interceder. Jesus gravou-o nas palmas das mãos dele. Sua triste sorte sempre está na presença dele. Ele ainda falará com você com palavras boas e consoladoras. Suas palavras são: "Convertei-vos, ó filhos rebeldes, diz o SENHOR; porque eu vos des-posarei". "Eu sararei a sua perversão, eu voluntariamente os amarei; porque a minha ira se apartou deles". "Portanto,

pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles".[16]

Nos versículos 7-17, temos "a mensagem de Deus para os desanimados". 1) Até quem peca, e desta forma decepciona Deus, têm um Intercessor divino, 12; 2) Deus está profundamente preocupado com seu povo, 13,14; 3) O homem é responsável por seu pecado, mas Deus reconhece o poder das circunstâncias que **auxiliaram no mal,** 15; 4) Deus está pronto para fortalecer e restaurar: **Voltei-me para Jerusalém com misericórdia,** 16b (A. F. Harper).

2. *Os Quatro Chifres e os Quatro Ferreiros* (1.18-21)

Esta visão vem imediatamente após a primeira e a complementa de modo surpreendente. O profeta vê subirem quatro chifres com aparência ameaçadora. O anjo intérprete o informa que representam as potências gentias que espalharam Judá pelo mundo. Logo em seguida aparecem **quatro ferreiros** (20). A função destes seres, conforme lhe diz o Senhor, é aterrorizar e quebrar os chifres das nações. A visão simboliza a destruição dos povos pagãos que oprimiram Judá e Jerusalém e agora ameaçam o cumprimento das promessas feitas na visão anterior (16,17).

E levantei os meus olhos, e olhei, e vi quatro chifres (18). No linguajar de um povo pastoril como os judeus, os **chifres** representavam a ameaça cruel de um rapinante do rebanho. "A fúria indômita do homem contra o povo de Deus é descrita habilmente pela irrupção de um bando de javalis, pela investida de um rinoceronte ou pelo grande alvoroço que uma raposa causa no meio de um rebanho inofensivo e indefeso que não tem poder de resistência, apenas de fuga".[17]

Certos intérpretes associam os quatro chifres com os reinos da visão de Daniel: Caldéia, Pérsia, Grécia e Roma (Dn 2.31-45).[18] Contudo, na época desta visão (519 a.C.) só duas destas potências haviam surgido, levando em conta o que o versículo 19 diz: **Estes são os poderes que** (já) **dispersaram Judá, Israel e Jerusalém.** Orelli comenta: "Caracteristicamente diferente de Daniel, Zacarias tem predileção por pesquisa simultânea, não pela apresentação de uma seqüência".[19] Os quatro chifres sugerem os quatro quadrantes dos céus (cf. 2.6). Em geral, a opinião de Marcus Dods é aceita: "A visão mostrou *quatro* chifres que representam a totalidade dos inimigos de Israel - seus inimigos de todos os cantos".[20] Para onde quer que o povo olhasse - norte, sul, leste ou oeste -, havia inimigos que declararam resistir os esforços judeus em reconstruir o Templo e renovar a vida nacional.

Para destruir os quatro **chifres** surgem quatro **ferreiros** (20). A palavra usada aqui no original hebraico significa "trabalhadores em madeira, pedra ou metal". A maioria das versões traduz por "ferreiros" (cf. "artesãos", NVT). Driver sugere "*ferreiros*, ao imaginar, sem dúvida, que os chifres fossem de ferro (Mq 4.13)".[21] **Vieram para os amedrontarem** (21), responde o Senhor ao profeta. Ao usar a palavra, Zacarias pensa, como no caso de **dispersaram** (19), não nos **chifres** (que não podem ser amedrontados), mas nos povos que os **chifres** representam. Os inimigos de Judá serão lançados em pânico pelos ferreiros divinamente nomeados. Aqui a figura é retomada. Derribarão **os poderes das nações que levantaram o seu poder contra a terra de Judá, para a espalharem (21).**

Não está claro quem sejam os **ferreiros.** Mas o sentido da visão é inconfundível: o Senhor livrará Judá de forma que se cumpram as promessas feitas nos versículos 16 e 17.

Para o leitor dos dias de hoje os quatro **chifres** representam as forças malignas que são formadas contra a Igreja ou contra

nós, em nossos esforços de viver para Cristo e servi-lo. Mas há algo mais: **O SENHOR me mostrou quatro ferreiros.** Não temos problema em identificar nossos inimigos, mas precisamos da mão divina para revelar nossa libertação prometida. "E orou Eliseu e disse: SENHOR, peço-te que lhe abras os olhos, para que veja. E o SENHOR abriu os olhos do moço, e viu; e eis que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu" (2 Rs 6.17). Esta é a palavra de Deus para nós na segunda visão: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Rm 8.31-39).

3. *O Homem com a Linha de Medir* (2.1-13)

Igual à segunda visão, a terceira ocorre imediatamente depois da primeira e toma-se outro complemento ainda mais significativo. A primeira promete a reconstrução de Jerusalém, e agora o profeta vê um jovem (cf. 4) com uma linha de medir para estabelecer os limites da cidade. Levando em conta o que vem a seguir, não há dúvida de que o profeta queria que o ato do jovem simbolizasse a intenção de fazer de Jerusalém a fortaleza que fora outrora. O homem tinha idéias restritas quanto ao tamanho da cidade, porque tencionava defini-la nos limites antigos. O anjo intérprete que conversava com Zacarias foi enviado por outro anjo para correr e dar ao homem uma mensagem. No futuro, Sião será uma cidade sem muros, não só por causa da numerosidade da população, mas também porque o próprio Deus lhe servirá de defesa.

Anexado a esta visão há um epílogo lírico no qual o profeta convida os judeus que ainda estão na Babilônia para voltarem a Judá. Convida Sião para exultar, pois o Senhor está a ponto de reassumir sua habitação em Jerusalém, e muitas nações unir-se-ão para visitarem a cidade santa.

a) A *Jerusalém do futuro* (2.1-5). **Tornei a levantar os meus olhos, e olhei** (1), é repetição das palavras rituais que abriram a segunda visão (1.18). Esta terceira visão: E **vi um homem em cuja mão estava um cordel de medir,** está baseada na promessa da primeira visão: "O cordel será estendido sobre Jerusalém" (1.16). A cidade estava próxima de ser restaurada. Zacarias fez uma pergunta ao homem: **Para onde vais tu?** (2). Ao que ele respondeu: **Medir Jerusalém, para ver qual é a sua largura e qual o seu comprimento.** Pelo desenrolar da revelação, é evidente que este jovem representa o pensamento dos exilados que voltaram, cuja perspectiva do futuro limitava-se à restauração da cidade de Jerusalém à sua condição anterior como fortaleza montanhesa. O passado tinha de ser a medida do futuro. Contudo, este nunca é o método de Deus operar. Não ficamos surpresos quando outro anjo se apresenta para interromper quem fala com Zacarias e envia-o rapidamente para falar **a este jovem.** Ele é orientado a lhe contar duas coisas.

Primeira, o mensageiro angelical o informa que **Jerusalém será habitada como as aldeias sem muros, por causa da multidão, nela, dos homens e dos animais**

(4). O jovem precisa saber que sua intenção em marcar os limites e muros de Jerusalém é inútil. A cidade está destinada a exceder as dimensões do passado e ficar tão grande que não haverá muros que a contenha. "Até agora", o jovem diz consigo mesmo. "A cidade nunca cresceu além desta linha fronteiriça. Por mais que cresça, nunca excederá essas linhas divisórias". Mas Deus diz: "A cidade se encherá de bairros, distritos, cidades contíguas e chegará a anexar as cidades limítrofes, de modo a não apresentar a aparência de cidade murada, mas de uma região densamente povoada".[22] A predição que **será habitada como as aldeias sem muros** é mais que uma promessa de magnitude e abundância de habitantes; é a garantia divina de proteção contra os inimigos.

Esta é certamente uma palavra de Deus para nós. Temos a propensão a prever o futuro e colocar limites no crescimento da cidade do Senhor. Mas esta nunca foi a intenção de Deus. Não devemos impor limites, ou insistir em nossas limitadas concepções. "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o SENHOR. Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos" (Is 55.8,9).

Pois o amor de Deus é mais amplo Que a medida da mente do homem;

E o coração do Eterno E maravilhosamente bondoso. (N. do T.)

É essencial observar que a visão profética envolvia uma Jerusalém além da Sião histórica que seria reconstruída. Esta profecia visiona "a Jerusalém que é de cima, [...] a qual é mãe de todos nós" (G1 4.26). Insistir em literalismo canhestro na interpretação desta visão é cometer o mesmo erro que ela quer corrigir. Zacarias vê a cidade de Deus que João contemplou de relance na ilha de Patmos. Nela, há "uma multidão, da qual ninguém pode contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas" (Ap 7.9).

Em segundo lugar, o anjo é instruído a dar ao jovem com a linha de medir uma palavra de graça e conforto concernente à presença de Deus. **E eu, diz o SENHOR, serei para ela um muro de fogo em redor e eu mesmo serei, no meio dela, a sua glória** (5). Esta imagem foi, provavelmente, copiada das fogueiras de acampamento com as quais os caçadores se cercam para afugentar animais selvagens. Da mesma forma que nenhum animal a esmo pode romper o cordão de chamas, "assim a presença não vista, mas todo-poderosa de Deus, é um baluarte no qual os poderes da terra e do inferno que porventura entrarem serão eliminados".[23] Descansar nesta promessa é exclamar como o salmista: "Mas tu, SENHOR, és um escudo para mim, a minha glória e o que exalta a minha cabeça" (SI 3.3). F. B. Meyer observa: "Alguns põem as circunstâncias entre si mesmos e Deus; é muito mais sábio colocar o Senhor entre si mesmo e as circunstâncias".[24]

A verdadeira proteção da Igreja é a presença do Senhor no meio dela. O *shequiná* de Deus é a nossa única defesa contra os inimigos que destróem a obra divina. O Espírito Santo é o preservador privativo da verdadeira doutrina, o Protetor exclusivo da espiritualidade e o Guardião particular da lei moral. A segurança de Sião hoje, como se deu nos dias de Zacarias, é a **glória... no meio dela.**

b) *Os pedidos de Zacarias* (2.6-13). Junto com a terceira visão existe um epílogo lírico. Este complemento é formado por dois pedidos: 1) Aos exilados na Babilônia (6-9); 2) Aos habitantes de Sião (10-13).

Ainda havia muitos judeus que moravam na Babilônia; por isso, lhes é feito um convite sério: **Olá! Oh! Fugi, agora, da terra do Norte, diz o SENHOR** (6). "O pais *do norte,* embora sua capital e centro fossem a Babilônia, era todo o Império Babilônico chamado 'o Norte', porque suas invasões sempre ocorriam em Israel do lado norte".[25] A palavra de Deus continuou: **Porque vos espalhei como os quatro ventos do céu, diz o SENHOR.** O livro de Ester é testemunha do fato de que 60 anos depois os judeus estavam espalhados em 127 províncias do Império Persa, da índia à Etiópia (Et 1.1; 3.8,12-14; 8.5,9). O Senhor convoca os judeus da dispersão: **Oh! Sião! Livra-te** *(i.e.,* foge para Sião) **tu que habitas com a filha da Babilônia** (7).

O Senhor prometeu proteger quem voltasse. “Pois assim diz o Senhor dos Exércitos: Depois, glória! Ele me enviou aos gentios que vos saquearam, pois quem toca em vós toca a menina dos seus olhos. Vede, brando minha mão contra eles; serão saqueados por seus servos, e vós sabereis que o Senhor dos Exércitos me enviou” (8,9, VBB). Thomas comenta: “A menina-dos-olhos é ponto sensível e vulnerável; portanto, altamente estimado por seu possuidor. Quem toca em Judá, tão altamente estimado por *Yahweh,* toca-o num ponto sensível”. [26] Deus promete ser tão pronto em proteger Judá como a pessoa que ergue o braço quando há risco de machucar o olho. Por outro lado, os judeus são avisados de que a demora em atender o convite os coloca em certo perigo. O Senhor já brande a mão contra a Babilônia como sinal para que as nações - que ela oprimira - se reúnam para destruí-la e dividir os espólios.

O segundo pedido é: **Exulta e alegra-te, ó filha de Sião, porque eis que venho e habitarei no meio de ti, diz o SENHOR (10).**

Quando o tabernáculo de Deus está com os homens e o Senhor habita com eles, para enxugar todas as lágrimas, não há luto, choro ou dor; mas a boca está cheia de riso, e a língua de cântico. As vezes, o cristão recebe tuna visão desta realidade. Percebe que, visto que Deus entrou no meio da obra dele, já não é sua, mas do Senhor; ele é apenas o agente. [...] Deus consola e ensina o povo; restaura as ruínas; constrói os muros de Jerusalém; faz o bem no seu bom prazer para Sião; atrai as pessoas que se juntam não a uma congregação, a uma igreja ou a um ministro, mas ao Senhor, e se tornam dele. Ele é um muro de fogo em volta, e também a glória no meio.[27]

Há ainda outra razão para exultar: **E, naquele dia, muitas nações se ajuntarão**

ao SENHOR e serão o meu povo (11). Os apóstolos de Cristo entenderam que profecias como estas são predições do ajuntamento dos gentios ao Israel da fé, a Igreja cristã (Rm **9.22-26; 1** Pe **2.9,10;** cf. Ef **2.11-22).**

A profecia passa para uma promessa ainda mais ampla; **Então, o SENHOR possuirá a Judá como sua porção na terra santa e ainda escolherá a Jerusalém**

(12). Na insistência de uma aplicação espiritual desta visão, não devemos perder de vista certos aspectos literais da profecia. O profeta contemplava acontecimentos históricos relacionados com a cidade de Jerusalém. E da perspectiva absoluta, estas mensagens são a promessa de Deus de que, de certo modo, além de nossa imaginação, “todo o Israel será salvo” (Rm **11.26;** cf. Rm **11.25-32).** Deus tem um plano supremo para o seu povo, Israel, e, quando este propósito se cumprir, estas visões serão traduzidas numa realidade que hoje só podemos adivinhar. Não admira que Zacarias finalize esta profecia com uma passagem que, em caráter, se aproxima da doxologia de Paulo em Romanos **11.33-36: Cale-se, toda a carne, diante do SENHOR, porque ele despertou na sua santa morada (13).**

Coisas gloriosas são ditas de ti,

Sião, cidade de nosso Deus;

Aquele cuja palavra não pode ser quebrada Formou-te para a sua habitação.

Alicerçado na Rocha dos Séculos,

O que pode estremecer teu repouso seguro?

Com os muros da salvação em volta,

Tu podes rir de todos os teus inimigos. **John Newton, 1725-1807**

4. *Josué e Satanás* **(3.1-10)**

Deste ponto em diante, as visões passam a lidar com a condição moral do povo de Judá e sua posição diante de Deus. As visões anteriores previram que Deus está a ponto de perturbar o "descanso" das nações e de, finalmente, agir em benefício de Jerusalém (1.8-17). Os inimigos de Judá serão "derribados" (1.18-21), e Sião novamente se tornará a habitação do Senhor (2.1-13). No entanto, para que estas profecias se cumpram, tem de haver uma transformação moral e espiritual do povo. "Israel é salvo, mas não santificado. Os problemas da nação terminaram, mas falta a retirada da impureza".[28]

a) A *visão* (3.1-5). Na visão precedente, Deus prometera: "[Eu] habitarei no meio de ti". Os judeus perceberam que eles e os sacerdotes tinham pecado. Conscientizaram-se de que a acusação de Ezequiel era justa: "Os seus sacerdotes transgridem a minha lei, e profanam as minhas coisas santas" (Ez 22.26), e preocupam-se, porque o Senhor não estar disposto a aprovar as obras que praticam. A visão toma como ponto de partida este sentimento de culpa e indignidade sutilmente sentido pelos judeus.

Zacarias vê o **sumo sacerdote Josué** "que estava de pé" (NTLH; cf. BV) como representante de Israel **diante do anjo do SENHOR.** Os temores cheios de culpa dos judeus acharam um porta-voz em Satanás, que, pelo visto, acusa Josué. Mas antes da exposição da acusação, o próprio Deus intervém e repreende o acusador. Será que o Senhor, que salvou seu povo como um tição tirado do fogo, deve lançá-lo de volta à fogueira? Não é que os judeus sejam inocentes. O traje sacerdotal de Josué denuncia o pecado e a contaminação do povo. Mas por um ato de absolta graça este impedimento será removido. Ele ordena que o anjo auxilie Josué a tirar as vestes sujas e a vestir trajes finos. Este procedimento tipifica o perdão e purificação do sumo sacerdote e de Israel.

Além disso, por sugestão de Zacarias, colocam **uma mitra limpa** na cabeça do sumo sacerdote. O anjo do Senhor estava ao lado em atitude de aprovação. Ele não se afasta até mostrar a Josué toda a dignidade da função sacerdotal à qual foi restabelecido. Se o permanecer leal a Deus, terá direito de acesso à presença do Senhor em favor de Israel. Mais que isso, ele e seus colegas prenunciam e preparam o caminho para "Aquele que, por ser a principal pedra angular, erigirá o verdadeiro Templo no qual estão os olhos de Jeová; Aquele que por um ato tirará a iniqüidade para sempre e restaurará a prosperidade e alegria festiva aos homens".[29]

O **sumo sacerdote Josué** (1) é chamado Jesua em outros textos (*i.e*., Ed 2.2; 3.2). Seu avô, Seraías, foi levado cativo depois da destruição do Templo e morto por Nabucodonosor em Ribla (2 Rs 25.18-21). Na mesma época, seu pai, Jozadaque (ou Jeozadaque), foi capturado e levado cativo para a Babilônia (1 Cr 6.15), onde Josué provavelmente nasceu. Nesse entretempo, o Templo ficou em ruínas e o ofício de sumo sacerdote cessou. Agora, depois de um intervalo de 52 anos e com a morte de Jozadaque, o ofício é restabelecido na pessoa de seu filho.

Zacarias vê **Josué** de pé em frente do **anjo do SENHOR** (cf. NTLH), como se estivesse num tribunal. Trata-se de cena judiciária. O sumo sacerdote foi indiciado pelos pecados de Israel. "Os pecados que o mancham são os pecados do povo;

e o caso a ser julgado é, se ele, na função de representante e sacerdote do povo, deve ser aceito ou rejeitado".[30] **A sua mão direita,** o lugar ocupado pelo querelante num tribunal de justiça judaico (cf. SI 109.6), estava **Satanás,** o acusador (cf. Jó 1.6-12; 2.1-6; Ap 12.10). **Satanás,** outrora o grande arcanjo do Senhor, caiu por orgulho e tornou-se o adversário do homem e de Deus. Ele está prestes a argumentar que Jeová não pode receber Josué e seu povo, porque Senhor é santo. "E precisamente esta concepção que certos judeus zelosos e arrependidos faziam do que acontecia na sala de audiências de Jeová".[31]

Antes que Satanás abrisse a boca para acusar, o Advogado divino fala: **O SENHOR te repreende,** ó **Satanás** (2). Luck comenta: "Estas palavras são incompreensíveis, a menos que haja mais de uma pessoa na deidade".[32] Este é outro prenúncio claro da inter-cessão sacerdotal de nosso "Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo" (1 Jo 2.1). Satanás é repreendido pelo **SENHOR, que escolheu Jerusalém.** E porque Deus se deleita em Jerusalém e não a rejeitou, que silencia Satanás. "Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus?" (Rm 8.33). Esta é a verdade transmitida pela pergunta: **Não é este um tição tirado do fogo?** (cf. Am 4.11). A mesma mão que tirou do fogo o tição já chamuscado e meio consumido o lançaria de volta às chamas? E Aquele que livrou o seu povo da fornalha ardente do cativeiro babilônico deveria ouvir as acusações de Satanás e entregar os judeus de novo à completa destruição?

Não é que os judeus não tivessem culpa. O próprio traje sacerdotal do sumo sacerdote que os representava testifica contra eles. Em vez de estar trajado com linho puro, encontra-se **vestido de vestes sujas** (3), símbolo da pecaminosidade e contaminação de Israel (cf. Is 4.4; 64.6). Mas o Deus que é santo também é misericordioso e gracioso. Num ato que prefigura a oferta propiciatória de Cristo, o anjo do Senhor ordena a remoção da roupa suja de Josué: **Tirai-lhe estas vestes sujas** (4). Em seguida, volta-se diretamente ao sumo sacerdote e explica a ação: **Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniqüidade e te vestirei de vestes novas** (cf. Lv 16.4). "A palavra hebraica aqui refere-se, literalmente, a *traje de gala* (ou *roupa de festa* [cf NTLH]). Portanto, não só o pecado tem de ser removido, mas o dom da justiça tem de ser dado, representado por este traje fino".[33]

Zacarias faz uma sugestão ao anjo: **Ponham-lhe uma mitra limpa sobre a sua cabeça** (5). A passagem de Êxodo 28.36-38 descreve a **mitra.** Na frente dela, havia uma placa de ouro com a inscrição: "Santidade ao Senhor". O sacerdote a usava para que os serviços do povo tivessem "aceitação perante o SENHOR". **E puseram uma mitra limpa sobre sua cabeça e o vestiram de vestes.** Agora Josué estava plenamente autorizado a oferecer sacrifícios em prol do povo. O **anjo do SENHOR** olhou com satisfação e aprovação.

b) *A advertência do anjo* (3.6-10). O mensageiro de Deus **protestou a Josué (*i.e.*,** lhe fez uma exigência), **dizendo: Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Se andares nos meus caminhos e se observares as minhas ordenanças, também tu julgarás a minha casa e também guardarás os meus átrios** (6,7). Na verdade, o anjo definiu os deveres do sumo sacerdote. Ele tem de observar os mandamentos de Deus, ou seja, guardar a lei moral (Dt 8.6; 10.12; SI 128.1). Deve ser zeloso na manutenção dos serviços ligados ao Templo e na administração da casa do Senhor (Lv 8.35; Ez 44.15,16). A estas injunções solenes, Deus acrescentou uma promessa: **E te darei lugar entre os que estão aqui** (7). Esta tradução é melhor: "E te darei livre acesso entre estes que aqui se encontram" (ARA). Agora Josué teria certeza de que suas orações alcançariam o céu. "Como os anjos que estão a serviço de Deus, o Sumo Sacerdote recebe a promessa de ter o privilégio de comunhão direta com o Senhor. Ele terá o direito de aproximar-se de Deus a qualquer hora na função de intercessor do

povo divino".[34]

Em seguida, o anjo fez uma promessa messiânica a Josué e aos sacerdotes-assisten-tes que se sentavam diante dele para receber instruções (8). O ser celestial declara que **são homens portentosos** (8), ou "homens de presságio" (ARA), ou ainda "homens importantes" (VBB). O estudioso judeu, Cashdan, observa: "O sacerdócio restabelecido é um presságio do advento do Messias".[35] Este é claramente o significado da promessa; ela continua: **Eis que eu farei vir o meu servo, o Renovo** (8). Perowne a parafraseia: "Eu predigo para Josué e seus companheiros a vinda do 'meu servo, o Renovo', porque eles, o sacerdócio, em todo o seu ofício e ministério, como também no que há pouco lhes aconteceu na visão na pessoa do seu chefe, são tipos dele".[36]

Meu servo é nome freqüentemente usado em Isaías para referir-se ao Messias (Is 42.1; 49.6; 52.13; 53.11) e é, talvez, o tema messiânico mais característico do Novo Testamento (At 8.30-35; 1 Pe 2.21-25; em At 3.13,26; 4.27,30, a palavra grega traduzida por "Filho" [RC] é corretamente traduzida por "Servo" na maioria das traduções. **O Renovo,** sem o artigo definido, é, literalmente, "rebento" ou "broto". Cashdan declara: "Os intérpretes da atualidade e de antigamente concordam em explicar que o *Rebento* é o esperado Messias. *Rebento* significa aquilo que germina ou brota do solo [...]". "A antiga árvore do Estado judeu estava morta, mas o profeta prenuncia uma nova vida pelo surgimento de um novo broto da casa de Davi (Barnes)".[37]

No próximo versículo, a figura muda para a **pedra que pus diante de Josué** (9). A referência primária e imediata é ao Templo, em cuja reconstrução Josué estava envolvido naquele momento. A **pedra** é difícil de identificar. Certos expositores pensam que é a pedra fundamental do Templo, que já fora empregada como símbolo do Messias (cf. Is 28.16). Outros preferem a pedra de cima ou a de cobertura do Templo (cf. 4.7,9), a qual concluiría a construção. Thomas entende que é a pedra preciosa que seria usada por Josué no peito ou na testa (cf. Ex 28.11,12,36-38).[38] Após considerar várias interpretações, George Adam Smith conclui: "Temos de supor que a pedra é símbolo do Templo terminado".[39] A opinião de T. T. Perowne mostra-se meritória:

> **A última referência é àquele que, na função de "o Renovo", deve futuramente construir "o Templo do SENHOR" (6.12), do qual é não só a Pedra Fundamental (Is 28.16; 1 Pe 2.4,5), mas também a principal Pedra Angular (Sl 118.22; Mt 21.42; Ef 2.20). Os dois cumprimentos da profecia estão intimamente relacionados. O primeiro é, no propósito de Deus, a preparação necessária para o segundo.**[40]

Sobre esta pedra única estão sete olhos (9). Estes são "olhos do SENHOR, que discorrem por toda a terra" (4.10), e simbolizam a expressão plena de sua providência e cuidado. Deus nunca tira os olhos desta pedra, quer em tipo ou antítipo, até que se cumpra seu propósito concernente a ela.

Há outra promessa: **Eis que eu esculpirei a sua escultura, diz o SENHOR dos Exércitos.** Perowne parafraseia: "Meus olhos, afirmo, estão fixos na pedra. Minha mão gravará nela tudo que for preciso para embelezá-la e ajustá-la para o lugar de honra que deve manter".[41] Mas não é tudo; Deus fala mais: **E tirarei a iniqüidade desta terra, em um dia.** A referência imediata é, provavelmente, à expiação do pecado da nação **em um dia,** o dia anual da Expiação (cf. Lv 16.21,30,34), que seria reinstituído com a conclusão do Templo. Mas o alvo da profecia olha para além deste tipo, para o dia em que Cristo morreu. Naquele grande dia da Expiação, Jesus, uma vez por todas na consumação dos séculos,

aniquilou o pecado pelo sacrifício de si mesmo (Hb 9.26).

A profecia recebe um toque final: **Naquele dia, diz o SENHOR dos exércitos, cada um de vós convidará o seu companheiro para debaixo da videira e para debaixo da figueira** (10). Na era messiânica que se aproxima, as pessoas, como nos dias gloriosos de Salomão (1 Rs 4.25), entreterão os amigos em paz e segurança debaixo da videira e debaixo da figueira (cf. Mq 4.4).[42] Esta vitória final do reino messiânico ainda está no futuro.

5. *O Candelabro de Ouro e as Duas Oliveiras* (4.1-14)

Como a quarta visão revelou a dignidade e significação do sumo sacerdote, a quinta prometeu a glória conjunta de Josué e Zorobabel, o chefe civil da comunidade judaica. Acoplado a esta visão existe um oráculo exclusivamente para este governador.

O profeta vê um candelabro de ouro com sete ramificações e uma provisão inesgotável de óleo. Em cima do candelabro há um vaso, e à direita e à esquerda duas oliveiras. Estas árvores enchem o vaso por meio de dois tubos de ouro, e o vaso abastece de azeite de oliva o candelabro mediante sete canudos de ouro. O candelabro é símbolo da comunidade judaica restaurada, na qual o próprio Deus está presente. As duas oliveiras que abastecem as lâmpadas representam Zorobabel e Josué como canais da graça divina.

Muitos intérpretes consideram que os versículos 6b a 10a, que começam com **esta** é **a palavra do SENHOR** e termina com **na mão de Zorobabel,** estão fora de lugar. Em nosso texto, temos a impressão que esse trecho foi inserido no meio da visão, porque interrompe a conexão entre os versículos 6a e 10b. Esta mensagem de incentivo para Zorobabel se encaixa bem depois de 4.1-6a,10b-14, e os comentários sobre estes versículos serão feitos nessa ordem.

a) A *visão e seu significado* (4.1-6a,10c-14). Depois da última visão, deduzimos que Zacarias entrou num devaneio, numa meditação sobre o que lhe fora mostrado. **E tornou o anjo que falava comigo, e me despertou, como a um homem que é despertado do seu sono (1). O** profeta foi despertado pelo anjo intérprete para que entendesse a significação da nova visão. Atento, viu **um castiçal todo de ouro** (2), um candelabro com sete braços semelhante ao do Tabernáculo (cf. Êx 37.17-24). Mas o azeite para este candelabro não era suprido por mãos humanas. Um vaso em cima dele o abastecia de azeite por meio de **sete canudos.** E havia, **por cima dele, duas oliveiras, uma à direita do vaso de azeite, e outra à sua esquerda** (3). A fonte da provisão de azeite não vinha do vaso, mas das duas árvores vivas; era, portanto, perene e inexaurível.

Mistificado pela visão, o profeta perguntou ao anjo intérprete: **Senhor meu, que é isto?** (4). O anjo ficou surpreso por Zacarias não entender, mas não hesitou em dar a resposta: **São os sete olhos do SENHOR, que discorrem por toda a terra** (10b). O candelabro representava a comunidade de Israel, mas num sentido ainda mais profundo era símbolo da presença divina no meio da comunidade. "O Templo tão próximo da conclusão por si só não revelará Deus: que os judeus não ponham a confiança no Templo, mas na vida que há por trás dele".[43] As sete lâmpadas são símbolos dos olhos de Jeová.

Mas, **que são as duas oliveiras à direita do castiçal e à sua esquerda?** (11), pergunta Zacarias. No versículo 12, repete a

pergunta, ampliando-a: "Que são aqueles dois raminhos de oliveira que estão junto aos dois tubos de ouro, que vertem de si azeite dourado?" (ARA). De novo, o anjo fica surpreso com a ignorância do profeta: **Não sabes o que é isto?** Zacarias responde: **Não, Senhor meu** (13). Então falou claramente para o profeta: **Estes são os dois ungidos, que estão diante do Senhor de toda a terra**

(14). Embora não sejam identificados por nome, só podem ser Josué e Zorobabel, respectivamente, o líder religioso e o civil da comunidade judaica. As duas oliveiras que fornecem provisão inesgotável de azeite para as lâmpadas são as duas cabeças ungidas de Israel. "O seu dever igual e co-ordenado [é] sustentar o Templo, figurado pelo candelabro, e garantir o brilho da revelação sétuplo. [...] Em outras palavras, o Templo não é nada sem a monarquia e o sacerdócio em seu apoio; e estes estavam na presença imediata de Deus".[44] Josué e Zorobabel são meramente os canais da graça divina; a fonte é o próprio Deus.

b*) A palavra para Zorobabel* (4.6b-10b). **Esta é a palavra do SENHOR a Zorobabel, dizendo: Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos exércitos** (6b). Este é um dos grandes textos da Bíblia. E mais que uma palavra para Zorobabel; é uma mensagem a todo aquele que se engaja na obra do Senhor. O sucesso espiritual só é possível quando estamos cheios do Espírito e limpos pelo Espírito. Marcus Dods fez um bonito comentário sobre este versículo:

> **Você toma providências, sente sua fraqueza em enfrentar as circunstâncias, está dolorosamente ciente de sua inaptidão em brilhar e dissipar a escuridão circundante; mas tem de entender que é o Espírito do Senhor que é a fonte de toda ação brilhante e iluminadora que reflete a glória de Deus. Você não precisa criar um espírito santo em você. A santidade para a satisfação da necessidade de todas as criaturas existe em Deus. E há no Senhor vida bastante para sustentar em vida todas as criaturas. Assim, há nele santidade suficiente para toda coisa boa que precisa ser feita. Você nunca ficará cara a cara com um dever para cujo cumprimento não haja graça o bastante. Em você, pode haver muito pouco, mas em Deus está a fonte viva.**[46]

Quem és tu, ó monte grande? Diante de Zorobabel, serás uma campina; porque ele trará a primeira pedra com aclamações: Graça, graça a ela (7). Todos os obstáculos que surgiram diante de Zorobabel e que seu medo os aumentou em um **monte grande,** seriam vencidos no poder do Espírito que nele repousa. A **primeira pedra** do Templo seria finalmente tirada do galpão do construtor com brados de triunfo e com súplica fervorosa para que Deus desse graça à obra concluída e por muito tempo mantivesse essa pedra no lugar. **E a palavra do SENHOR veio de novo a mim, dizendo: As mãos de Zorobabel têm fundado esta casa, também as suas mãos a acabarão** (8,9). A frase final do versículo 9 significa: "Com o cumprimento destas promessas, Zorobabel e a nação inteira perceberão que foi a palavra divina que falou pelo profeta".[46]

Porque quem despreza o dia das coisas pequenas? (10). Todo aquele que ridicularizou o insignificante começo do Templo e expressou dúvidas sobre sua conclusão, agora se **alegrará** quando vir o **prumo na mão de Zorobabel** para ajustar o assentamento da última pedra de acabamento. Nunca está nos planos de Deus deixar um trabalho por terminar. Quando estamos inteiramente comprometidos com o Senhor e cheios de seu Espírito, podemos dizer junto com Paulo: "Tendo por certo isto mesmo: que aquele que em [nós] começou a boa obra a aperfeiçoará até ao Dia de Jesus Cristo" (Fp 1.6).

6. O *Rolo que Voava* (5.1-4)

Este capítulo registra duas visões para motivar o povo de Deus a esperar que a terra seja purgada dos malfeitores e da maldade. A visão dos rolos voadores mostra que Deus julga os pecadores individualmente; a visão da mulher em um cesto simboliza a determinação de Deus em banir de Israel o verdadeiro princípio do pecado.

A primeira visão diz respeito à retirada da maldição trazida sobre a terra por seus criminosos, especialmente ladrões e perjuros. O roubo e o falso testemunho são duas formas de crime, próprias numa comunidade primitiva como aquela em Judá formada por ex-exilados.[47] O profeta vê um rolo gigantesco, inscrito com maldições contra pecados de todo o tipo, que voava pelo ar. O rolo entra na casa de todo ladrão e perjuro do país, e a destrói como uma praga.

Zacarias estava totalmente consciente quando esta visão começou. Ele virou a cabeça, ergueu os olhos e viu **um rolo voante (1).** Usa a palavra hebraica comum que significa pele ou pergaminho no qual se escrevia. O rolo estava desenrolado como uma folha gigante e voava em perseguição veloz de seu objetivo, semelhante a uma ave de rapina. Pelo que deduzimos, veio do céu (4), o que indicava que era um julgamento procedente do trono de Deus.

As dimensões do rolo - **vinte côvados de comprido** por **dez côvados de largo (2;**

"nove metros de comprimento por quatro e meio de largura", NVI) - são "indício do número de maldições nele inscrito".[48] Certos intérpretes, porém, ressaltam que as medidas correspondem ao tamanho do Lugar Santo no Tabernáculo, e acham que este fato é mais que coincidência. C. H. H. Wright observa: "Os homens, no que tange ao pecado, não serão julgados por medida que estabelecerem ou pesados por suas próprias falsas balanças - é pela *medida do santuário* que as ações dos homens serão pesadas (1 Sm 2.3)".[49]

O anjo intérprete explica a Zacarias a significação do rolo: **Esta é a maldição que sairá pela face de toda a terra** (3). **Terra** não é uma tradução muito correta; a palavra hebraica deveria ser traduzida por "nação", visto que é Israel que é julgado. Só os que têm a lei serão julgados pela lei; os que estão sem lei serão julgados pela lei da Natureza (Rm 2.12-15). O anjo afirma que todo ladrão e perjuro serão desarraigados (3), literalmente, "retirados", "afastados" ou "despejados". E comum a palavra hebraica receber um significado figurativo: "afastar da culpa, manter livre de culpa, ficar sem castigo". Smith-Goodspeed traduz adequadamente a passagem: "Quanto tempo faz que todos os ladrões estão impunes? E por quanto tempo esses perjuros ficarão sem punição?" Até agora os crimes eram praticados e ficavam sem o devido castigo; agora não será mais assim.[50]

Existem dois pecados específicos inscritos **de um lado** (3) e **do outro lado** do rolo (j.e., em lados opostos; cf. NTLH). Roubo e perjúrio correspondem ao oitavo e terceiro mandamentos. Estas são as ordenanças que ficam no meio da segunda e da primeira tábua do Decálogo, respectivamente, e estas posições talvez representem a totalidade da lei. Os dois lados do rolo simbolizariam as duas tábuas da lei, onde a primeira tem a ver com a relação do homem com Deus, e a segunda com a comunhão do homem com o próximo.[51] Esta idéia nos lembra as palavras de Tiago no Novo Testamento: "Porque qualquer que guardar toda a lei e tropeçar em um só ponto tornou-se culpado de todos" (Tg 2.10).

O Senhor, então, fala: **Eu a trarei... e a farei entrar na casa do ladrão e na casa do que jurar falsamente pelo meu nome; e pernoitará no meio da sua casa e a consumirá com a sua madeira e com as suas pedras** (4). Smend oferece

esta possível explicação: "Pelo que se deduz, antigamente as maldições eram escritas em pedaços de papel e lançadas ao vento nas casas" dos destinatários das maldições.[62] A ameaça divina é que o rolo permanecerá **no meio** da **casa** até que efetue seu julgamento mortal na casa inteira. Trata-se de uma advertência solene.

Como foi terrível o cumprimento dessas palavras no caso de pessoas e famílias que conhecemos! Parecia que havia uma praga na casa. A fortuna acumulada com tamanha labuta esfarelou-se; as crianças tornaram-se fonte de sofrimento, de cortar o coração; a reputação do pai ficou irremediavelmente manchada. "A praga na casa se tem estendido, lepra roedora há na casa; imunda está" [Lv 14.44], Não há quem possa suportar esta maldição. Ela o enfrenta em todos os lugares. Toca seus bens mais básicos e essenciais, os quais, como mobília devorada por cupins, viram pó.[53]

Esta é a verdade terrível desta visão. Deus tem duas maneiras de lidar com o pecado. A primeira, é pela graça e misericórdia. "Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno, os seus pensamentos e se converta ao SENHOR, que se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar" (Is 55.7), Mas se os pecadores persistem em suas maldades e se recusam a receber a graça de Deus, então o método divino de lidar com o pecado é de julgamento. "O pecado tem de ser eliminado, a iniqüidade tem de ser aniquilada da cidade de Deus; e quando o pecador está tão apegado ao seu pecado que não se separa mais dele, então se toma objeto da maldição de Deus e deve purgado da terra".[64]

7. *A Mulher no Cesto* (5.5-11)

Esta visão é muito mais rigorosa que a precedente, "pois não é tanto o pecador como o princípio do pecado que tem de ser erradicado".[66]

O profeta viu um *efa,* um cesto em forma de barril pequeno com uma tampa redonda e de chumbo, a qual foi erguida e dentro dele Zacarias viu a forma de uma mulher. Conforme explicou o anjo intérprete, era a personificação da maldade. Pelo visto, tentou fugir, mas foi empurrada de volta ao cesto. Num instante, fecharam a tampa e surgiram duas figuras femininas, com asas semelhantes às da cegonha, que levaram o *efa* para Babilônia, onde seria erigido um santuário para a adoração dele.

Durante o intervalo entre esta visão e a prévia, enquanto Zacarias estava absorto em meditação, o anjo intérprete fica em segundo plano. Agora, reaparece e convida o profeta a considerar o que está prestes a ver: **um efa** que emerge da escuridão circundante **(5,6). O efa** era o maior vaso de medição usado pelos judeus. Tinha a capacidade de mais de **26** litros e a forma semelhante ao barril.

Que é isto? (6), pergunta Zacarias ao anjo. A resposta é difícil de entender: **Esta é a semelhança deles em toda a terra (6).** Talvez signifique: "Esta é a semelhança [do mal] em toda a terra". Quando se faz pequena mudança no hebraico, a palavra **semelhança** se toma "iniqüidade". Assim, temos esta tradução: "Isto é a iniqüidade em toda a terra" (ARA). "País" é melhor que **terra,** porquanto esta visão diz respeito apenas à Terra Santa (cf. NTLH; NVI). O **talento de chumbo** (7) é traduzido melhor por "disco de chumbo" (Moffatt), "cobertura de chumbo" (VBB) ou "tampa de chumbo" (ABA). O termo hebraico *kakkar* significa "círculo" como também "talento". Esta tampa foi levantada e o profeta vê **uma mulher** sentada **no meio do efa** *(i.e.*, "dentro do efa", ARA). O anjo explica que **esta é a impiedade** (8; "maldade", NTLH; BV). A palavra deveria estar com inicial maiúscula (cf. NVI: "Perversidade"), visto que a mulher é a personificação do pecado. Em hebraico, **impiedade** é palavra feminina, detalhe que indica o poder sedutor da tentação. Nesta profecia, o pecado é

personificado com o intento adicional de fazer diferença entre o *princípio* do pecado e os *atos* nos quais se expressa; é, portanto, erradicável.[58]

A mulher tentou fugir, mas o anjo a jogou de volta ao **efa** (8) e fechou com firmeza a pesada tampa de chumbo que havia na **boca** dele. Logo após, duas **mulheres** (9) saíram da escuridão circundante, **agitando o ar com as suas asas** (ou "havia vento em suas asas", ARA) poderosas como as da cegonha; **levantaram o efa entre a terra e o céu** e partiram a toda pressa. **Para onde levam estas o efa?** (10), Zacarias pergunta, e o anjo responde: **Para lhe edificarem uma casa na terra de Sinar** (11), ou Babilônia (Gn 11.2; Is 11.11). Babilônia tem a significação geral de ser a contraparte da Terra Santa. E o epítome da maldade e lugar apropriado para despejar o pecado concentrado de Judá. Mais que isto, ali construirão um templo para o *efa,* que será posto **em seu próprio lugar** (11), ou seja, "numa base" (NTLH) como uma imagem. "Assim, o pecado não só acha sua morada natural na Babilônia, mas tem de ser cultuado!"[87]

Não deixemos que a cena curiosa desta visão nos impeça de ver seu profundo ensino espiritual. Zacarias não está satisfeito com o mero ritual da expiação do pecado (3.1-10), nem mesmo com a punição divina da transgressão (5.1-4). George Adam Smith observa: "O poder vivo do pecado tem de ser banido de Israel; e este banimento não pode ser feito por esforços humanos, mas somente pela ação de Deus, que é completa e eficaz". Em seguida, mostra o significado desta visão para o Evangelho de Cristo: "Tomemos seriamente em consideração a doutrina da validade eterna: O pecado não é uma maldição formal, não se expressa apenas em certos crimes sociais, nem se exaure com o castigo de tais crimes; mas, como poder de atração e tentação a todos os homens, *deve ser banido do coração, sendo que só Deus pode bani-lo*".[58]

Nesta imagem oriental está a sublime promessa do Novo Testamento de destruir a transgressão pela atividade santificadora do Espírito Santo. Esta visão nos lembra que a supressão do pecado é necessária, mas, apenas como prelúdio para seu banimento do coração pelo poder de Deus! O que no Antigo Testamento é promessa, no Novo Testamento torna-se experiência. "A lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte", atesta Paulo com alegria. "Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito" (Rm 8.2-4).

8. *Os Quatro Carros* (6.1-8)

Nesta oitava e última visão, o profeta vê quatro carros de guerra puxados por cavalos de cores diversas que saem dentre duas montanhas de bronze. Deus os encarrega de julgar as diferentes regiões da terra. Os carros que vão para o país do norte - para a Babilônia - têm a tarefa especial de executar a ira divina no maior inimigo de Jerusalém.

A série de visões começou com uma representação da providência universal de Deus e finaliza com outra imagem da mesma natureza. A primeira visão adiara a destruição divina das nações até o tempo certo de Deus. Após as visões intervenientes atenderem as necessidades religiosas e morais de Israel, e com a eliminação de todo obstáculo à ação libertadora de Deus, esta visão final promete o julgamento divino sobre as nações da terra, em particular, a Babilônia.

O profeta vê **quatro carros** que saem **dentre dois montes... de metal (1;** "de

bronze", ARA). São carros de guerra, uns dos antigos armamentos bélicos mais formidáveis (1 Rs 10.28,29). Eram também usados em grandes solenidades e tomaram-se símbolos de autoridade e poder invencível (cf. SI 68.17; Is 66.15; Hc 3.8; Ag 2.22). Os dois **montes de metal** são, possivelmente, o Sião e o das Oliveiras, que eram considerados a fonte dos julgamentos divinos no mundo. **Metal** é símbolo de poder.

Os carros eram puxados por cavalos de diferentes cores: o **primeiro carro,** por **cavalos vermelhos,** o **segundo carro, cavalos pretos** (2), o **terceiro carro, cavalos brancos** e o **quarto carro, cavalos grisalhos e fortes** (3; "cavalos de cor cinza mesclado", RSV; a conjunção **e** não aparece no hebraico). Como na primeira visão, as cores são discutíveis e de significação incerta. A palavra hebraica traduzida por **fortes** no versículo 3 é a mesma que aparece no versículo 7, onde foi traduzida por "cavalos de batalha" (RSV). E improvável que as cores tivessem propósitos simbólicos.

O anjo intérprete informa ao profeta que **estes são os quatro ventos do céu, saindo donde estavam perante o Senhor de toda a terra** (5). A tradução: "Estes vão para os quatro ventos do céu" (RSV; cf. 2.6) é inadequada, pois a preposição *para* não ocorre no texto hebraico. Os **quatro ventos** ("espíritos", NVI; BV) são os servos de Deus que "faz dos ventos seus mensageiros, dos seus ministros, um fogo abrasador" (SI 104.4; Hb 1.7). Eles são enviados a regiões diferentes do mundo. "O profeta", observa acertada-mente George Adam Smith, "não foi admitido à presença divina e não sabe exatamente o que eles foram comissionados a fazer; em outras palavras, Zacarias é desconhecedor dos processos políticos vigentes pelos quais as nações serão destruídas e Israel glorificado diante delas".[59] A libertação se dará por ação divina.

O destino das quatro carros de guerra não é uniformemente compreendido. Está claro que os **cavalos pretos** são enviados **para a terra do Norte** (6), ou seja, a Babilônia. A frase: **E os brancos saem atrás deles,** segue de perto o texto original hebraico. Pelo que deduzimos, significa que dois carros são enviados para julgar a Babilônia. Para compor quatro carros, os **grisalhos** (6) são separados dos **fortes** (7), e os primeiros enviados **para a terra do Sul** (6), ou Egito, e os últimos, por toda a amplitude e extensão da **terra** (7). O original hebraico nada menciona acerca do envio dos cavalos vermelhos. Como dissemos acima, não existe a conjunção hebraica **e** no versículo 3b, fato que torna injustificável dividir os **grisalhos** dos **fortes** para formar duas parelhas distintas. Certos estudiosos "suspeitam que há um erro de escrita, e que no versículo 7 deveriamos ler 'vermelhos' no lugar de 'fortes'"[60] (cf. BV).

Outros intérpretes[61] apoiam esta tradução do versículo 6b: "Os brancos vão para a terra do oeste". Uma leve modificação do texto hebraico torna esta tradução possível. Wellhausen sugere outra leitura variante do versículo 6, que levaria os cavalos brancos serem enviados "para a terra do leste";[62] ele acha que o termo "o oeste" foi provavelmente suprimido depois de "ir por diante" no versículo 7. De acordo com esta construção, os carros são enviados para o norte, leste, sul e oeste. George Adam Smith leva em conta a teoria de Wellhausen, mas apresenta argumentos a favor da interpretação sugerida pela tradução: "Os brancos vão para a terra do oeste". Nenhum carro é enviado para o leste, pois não há poder que oprime ou ameace Jerusalém procedente daquela direção. Mas no norte havia a Babilônia; ao sul, o Egito ainda era possível força dominante mundial; e a oeste havia novas forças européias que em menos de uma geração constituiriam uma ameaça para os países do Oriente Próximo. Portanto, poderiamos traduzir a primeira parte do versículo 7 assim: "Quando os cavalos de batalha saíram, estavam impacientes para patrulhar a terra". Isto pode ser referência aos cavalos do quarto carro ou aos eqüinos vermelhos (cf. BV). Ou talvez seja declaração geral referente a todos os quatro pares e carros (cf. NVI).

O centro do poder mundial naqueles dias estava **na terra do Norte** (8), assim denominado porque as invasões da Babilônia sempre vinham do norte (cf. 2.6). Os cavalos foram enviados para essa direção com a incumbência explícita de **repousar** o **Espírito** de Deus (8). Aqui, "Espírito" significa "ira" (cf. Pv 16.32; portanto, *Espírito* deve ser grafado com "e" minúsculo [cf. NVI, nota de rodapé]). A "ira" ou "furor" de Deus é seu extremo desprazer no pecado (cf. Rm 1.18-32). Sua ira ficará "em repouso" quando a Babilônia for julgada. Esta é reconhecidamente uma maneira humana de falar sobre Deus, mas que outra forma existe para falar sobre o Senhor? O que Deus é em si mesmo, o homem finito jamais poderá perscrutar; por isso, lhe atribuímos maneiras humanas de sentir e agir. No desdobramento da revelação divina fica absolutamente comprovado que a ira do Senhor não é uma emoção petulante. E o recuo do amor santo de Deus, a antipatia da natureza divina ao pecado do homem.

Ao considerarmos que Deus é santo, seu furor contra o pecado é inevitável. *Em* Cristo, disse Lutero, "Deus é amor"; *fora de* Cristo, "nosso Deus é um fogo consumidor". A Bíblia e a experiência confirmam a justiça desta declaração. Também não é negação do amor de Deus; o oposto do amor não é ira, mas ódio. Em outro lugar, Martinho Lutero disse que a ira de Deus é "o lado inferior de seu amor". Suavizar o paradoxo entre amor e julgamento na natureza do Senhor é destruir a revelação bíblica da dei-dade. Os carros bélicos de Deus saem para julgar divinamente a Babilônia pelos danos causados ao povo judeu.

Observemos mais uma vez a estreita ligação entre esta última visão e a primeira concedida a Zacarias (1.7-17). No começo desta noite inesquecível (1.8), o profeta viu cavaleiros angelicais, chefiados pelo anjo de Jeová, que se apresentam para prestar relatórios ao Senhor depois de "andarem pela terra". O relato mostrou que as nações ímpias descansavam enquanto o povo de Deus passava por grande sofrimento. Esta situação desagradou imensamente Jeová. "Agora, nesta visão mostrada a Zacarias logo antes do amanhecer, o profeta vê os anjos serem enviados, não para explorar como antes, mas julgar divinamente as nações".[63] Esta visão revela o controle de Deus sobre todas as forças destrutivas usadas pelo Senhor na punição dos povos merecedores da sua ira. E, portanto, similar ao quadro detalhado dos julgamentos de Deus narrado minuciosamente em Apocalipse 6 a 18. As visões de Zacarias podem ser adequadamente chamadas "o Apocalipse do Antigo Testamento".

C. A Coroação do Rei, 6.9-15

Com a destruição das nações pagãs, agora Sião está livre para ter seu próprio rei novamente. Zacarias recebe a ordem - acabaram as visões noturnas - de visitar uma delegação de judeus recentemente chegados do cativeiro na **Babilônia.** São eles **Heldai** (chamado **Helém** no v. 14), **Tobias** e **Jedaías,** os quais estão na **casa de Josias, filho de Sofonias** (10). Entre os presentes que trouxeram para o Templo, o profeta deve escolher **prata e ouro** para fazer pequenas argolas e formar uma coroa a ser usada na cerimônia de coroação do **sumo sacerdote** (11). Nenhum dos homens nomeados é identificado em outro lugar do Antigo Testamento.

Surge um problema na interpretação. O texto hebraico desta passagem apresenta o Senhor que instrui Zacarias a coroar **Josué, filho de Jozadaque, sumo sacerdote**

(11) , e não Zorobabel. Este ato tornaria o sumo sacerdote o rei de Israel. Esta é possibilidade interessante, sobretudo

quando se leva em conta o quadro de Cristo revelado no Novo Testamento, qual seja, o nosso grande Sacerdote-Rei. Há certos problemas textuais que não podemos ignorar. Aconselhamos o estudante a ler com cuidado e reflexão a passagem em várias versões bíblicas. As evidências advindas por estudo rigoroso indicam uma primitiva corrupção textual a qual as traduções seguiram.

Primeiramente, Zacarias recebe a ordem de fazer **coroas (11),** mas no versículo **14** o verbo hebraico está no singular, ao passo que na Septuaginta o sujeito e o verbo estão no singular. Este não é um problema insuperável, visto que o versículo **11** pode ter o sentido de "pequenas argolas para uma coroa". Zacarias foi instruído a fazer uma ou duas coroas? Certos expositores sugerem que os nomes de Josué e Zorobabel estavam originalmente no versículo **11,** mas então por que o **lhe** está no singular no versículo **12** e o original hebraico usa o singular no versículo **14?**

Em segundo lugar, o versículo 13 deve ser traduzido por: "Haverá um sacerdote *junto* ao seu trono", em vez de: **Será sacerdote no seu trono.** Caso contrário, qual é o significado da frase que vem em seguida: **E conselho de paz haverá entre ambos?** Obviamente há a promessa de concórdia entre o rei que será coroado e o sacerdote que fica ao lado do trono, ou seja, entre Josué e Zorobabel.

Mal podemos deixar de concluir que, no versículo 11, um antigo copista cometeu um erro e substituiu o nome de Zorobabel pelo de **Josué.** Se no lugar de **Josué** colocarmos o nome de Zorobabel, acaba toda a dificuldade de interpretação e recebemos uma palavra profética significativa. Talvez esta seja a melhor solução ao problema.[64]

A palavra de Deus a Zacarias é uma profecia messiânica. Zorobabel é o **Renovo**

(12) , ou melhor, "o Rebento", sobre quem já se fez menção (3.8). De Zorobabel brotará aquele que será "o Rei dos reis e o Senhor dos senhores", que construirá o verdadeiro Templo do Senhor, "a principal pedra da esquina; no qual [os crentes em seu nome] [...] [são] edificados para morada de Deus no Espírito" (Ef 2.20-22; cf. 1 Pe 2.4,5).

De comum acordo entre os intérpretes, esta profecia tem dupla referência. E primariamente a promessa de que o Templo que na época estava em construção seria concluído pelas mãos de Zorobabel e a garantia a Zacarias que na Jerusalém reabilitada tanto Zorobabel, o príncipe, como Josué, o sumo sacerdote, trabalhariam juntos em harmonia e paz. E ainda uma palavra que diz respeito aos então futuros dias do Messias, em cujo reino e Templo as funções de rei e sacerdote terão cumprimento glorioso naquele que os uniría em sua majestosa pessoa e ministério. Naqueles dias são os que vivemos; "e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos" (1 Jo 3.2).

A coroa que Zacarias é instruído a colocar **no templo do SENHOR** (14) servirá de **memorial** e penhor do cumprimento desta profecia. **Edificarão no templo do SENHOR** (15) quer dizer "ajudarão a edificar o templo" (ECA). "A chegada da delegação com dádivas pressagia a vinda de reforços adicionais de judeus procedentes de longe - e, quem sabe, também de gentios (cf. 8.22; Ag 2.7) -, que darão ótimo rendimento nos trabalhos construtivos do Templo".[65] **Vós sabereis que o SENHOR dos exércitos me tem enviado a vós** significa que a conclusão do Templo comprovará a autoridade divina da palavra do profeta. Contudo, repare na natureza condicional da promessa: **E isso acontecerá, se ouvirdes mui atentos a voz do SENHOR, vosso Deus.**

D. A **Consulta e a Resposta sobre os Dias de Jejum**, 7.1—8.23

Após um intervalo de cerca de dois anos, Zacarias foi chamado a profetizar novamente. A ocasião foi a chegada a Jerusalém de uma delegação, provavelmente de Betei, enviada para perguntar se os judeus deveríam observar o jejum nacional instituído no tempo do cativeiro (7.1-3). A resposta de Deus dada pelo profeta é dividida em quatro partes, cada uma iniciada pela mesma fórmula (7.4,8; 8.1,18). Na última, o retomo à pergunta da qual as respostas surgiram (8.19) mostra que a profecia é realmente uma coisa só.

Primeiramente, o Senhor diz que esse jejum não era mandamento divino. Estava, portanto, destituído de significação espiritual, conforme o ensinamento dado pelos profetas antes do exílio (7.4-7).

Na segunda parte, Zacarias relembra quais eram os mandamentos do Senhor quando a terra estava habitada e gozava de prosperidade. Não eram mandamentos cerimoniais, mas éticos; requeriam justiça, misericórdia e compaixão pelos pobres. O profeta liga o descumprimento destas obrigações éticas com as calamidades do cativeiro e exílio (7.8-14).

O tom muda na terceira parte. O profeta apresenta uma promessa concernente aos dias ditosos de santidade e prosperidade que estão reservados para Sião, em contrapartida com a anterior condição de sofrimento. Em virtude desta promessa, Zacarias exorta o povo à obediência santa (8.1-17).

Por fim, há a predição de que o jejum do povo dará lugar ao banquete festivo, ao qual se aglomerarão grandes multidões de pessoas provenientes de todas as partes da terra. Até as nações pagãs se juntarão na celebração, e considerarão um privilégio estarem associados com os judeus (8.18-23).

1. *A Consulta* (7.1-3)

No ano quarto do rei Dario (1; *i.e.,* em 518 a.C.) seria uns dois anos depois que Zacarias teve as visões (1.7) e mais ou menos a mesma extensão de tempo para a conclusão do Templo (cf. Ed 6.15). **Quisleu** era o nome babilônico do mês que corresponde a novembro-dezembro. **A palavra do SENHOR veio a Zacarias** na ocasião em que chegou uma delegação de judeus a Jerusalém. Foram, primeiramente, **suplicar o favor do Senhor** (2), e, em segundo lugar, perguntar se deveríam observar o jejum **no quinto mês** (3), como tinham feito durante o período do exílio. O fato de irem ao Templo indica que pelo menos alguns serviços voltaram a funcionar.[66]

A delegação veio de **Betei** (2) com a missão de consultar os **sacerdotes** e os **profetas** (3) do Templo, entre os quais estavam Ageu e Zacarias. O assunto dizia respeito à continuação do jejum do quinto mês, o qual relembrava o incêndio de Jerusalém e do Templo (2 Rs 25.8,9). **Chorarei?,** perguntou o porta-voz. "O pronome *eu* [oculto] representa toda a comunidade do exílio. O 'chorar' simboliza todas as práticas que compunham o dia de jejum e humilhação: derramar lágrimas de contrição, jejuar, rasgar as roupas, vestir pano de saco e jogar terra na cabeça".[67] A pergunta era natural. Agora que o Templo estava em construção e a vida nacional em restauração na Terra Santa, soava incompatível prosseguir com os jejuns que comemoravam a destruição da cidade e do santuário.

2. *A Resposta de Zacarias* (7.4—8.23)

A delegação só indagara acerca do jejum do quinto mês; "mas com uma amplitude de visão que revela mais o profeta que o sacerdote, no capítulo seguinte Zacarias fala sobre os jejuns pelos quais Israel, durante 70 anos, lamentara sua ruína e exílio".[68] A resposta, que objetivava alcançar os ouvidos de **todo o povo** (5), é de significação especial quando lembramos que o profeta tinha profundo amor pelo Templo. Mostra que Zacarias era um verdadeiro homem de Deus, pois estava infinitamente mais preocupado com a justiça do que com o ritual.

a) *Inutilidade do jejum* (7.4-7). Com ousadia e vocabulário do profeta Amós, Zacarias pergunta aos judeus se os jejuns foram mesmo feitos a Deus. O profeta tem em mente dois jejuns: o do **quinto** mês e o do **sétimo mês** (5), que comemorava o assassinato do governador judeu Gedalias, nomeado para administrar o povo que Nabucodonosor deixou na terra (cf. 2 Rs 25.25; Jr 41.1-10). O Senhor não ordenara estes jejuns. Quando o povo jejuava, fazia-o para si mesmo, da mesma forma que quando comia e bebia, banque-teava-se para si mesmo (5,6). Os judeus deveríam ter atendido as palavras **dos profetas precedentes, quando Jerusalém estava habitada e quieta** (7). Jejuns ou banquetes não são do interesse de Deus, a menos que causem um efeito positivo na vida diária. Os profetas anteriores ao exílio anunciaram a palavra à qual o povo deveria ter ouvido. Pregaram que Deus é indiferente a rituais, e o que o Senhor exige é uma vida moral que se manifesta em amor fraterno e justiça social. Era a esse antigo ensinamento que o povo tinha de atentar e obedecer. A mensagem fora proferida em tempos de prosperidade nacional. Ao não levá-la em conta, a prosperidade acabou. Só após voltarem a esse ensinamento é que a prosperidade retomaria. **O Sul e a campina,** ou seja, "o Neguebe [o deserto ao sul do país, ainda hoje chamado assim] e a Sefelá [os contrafortes a sudoeste de Jerusalém, hoje parte da região de Gaza]" (VBB; cf. NVI). Com o superpovoamento do país, estas regiões desérticas da Palestina seriam habitadas; caso contrário, ficariam desertas.

b) *Lição do passado* (7.8-14). Zacarias passa a fazer um resumo dos ensinamentos dos profetas do pré-exílio (9,10). Depois desta sinopse da mensagem profética, faz uma narrativa gráfica da desobediência e conseqüente punição de Israel (11.14).

A exigência de Deus, expressada pelos antigos profetas, era executar **juízo verdadeiro** (9; "justiça verdadeira", ECA), ou a justiça social (a mensagem de Amós; cf. Am 5.24), mostrar **misericórdia** ou amor e lealdade ao concerto (a mensagem de Oséias; cf. Os 6.6), e compaixão pelos pobres e indefesos (10; a mensagem de Miquéias, cf. Mq 3.1

3). **Nem intente o mal** seria "nem maquine o mal" (Moffatt; cf. BV; NTLH; NVI). Em Isaías e Jeremias, todos estes temas estão combinados e plenamente desenvolvidos.

A descrição que Zacarias fez da rebelião dos judeus contra a mensagem profética é pictórica e impressionante. Primeiramente, **não quiseram escutar** (11); assumiram uma atitude completamente negativa. Em seguida, **deram o ombro rebelde,** para mostrar desrespeito infantil e cheio de rancor aos mensageiros de Deus. Depois, **ensurdeceram os seus ouvidos, para que não ouvissem,** para tomar fútil todo esforço do Senhor em instruí-los. Por fim, **fizeram o seu coração duro como diamante, para que não ouvissem** (12). Não houve jeito que Deus conseguisse impressionar seus corações. Visto que o Senhor enviara esta mensagem **pelo seu Espírito, mediante os profetas precedentes,** o ato de Israel rejeitá-la era, na verdade, resistência ao Espírito Santo (cf. At 7.51).

Por causa desta apostasia deliberada a **grande ira do SENHOR dos exércitos** veio sobre os israelitas. Seus clamores

egoístas foram ignorados pelo Todo-poderoso, que com uma **tempestade** os espalhou **entre todas as nações que não conheceram** (14). Além disso, grande desolação se derramou pela **terra desejada** de Judá.

Em 8-14, temos grandiosa lição sobre "a maldade e tragédia da apostasia": 1) Desobediência, 11,12c; 2) Destruição, 12d,13; 3) Desolação, 14 (cf. Mt 23.34-38).

c) *Promessas preciosas para Sião* (8.1-17). **Depois, veio a mim a palavra do SENHOR dos Exércitos** (1): Zacarias responde à delegação (cf. comentários em 7.1-3). Contudo, a tônica da resposta passa a ser de esperança para o futuro. Mas à medida que as promessas se desdobram, obtemos um vislumbre das condições desesperadoras do povo e do país. Viam-se poucas pessoas idosas e crianças em Jerusalém (4,5). Muitos judeus ainda estavam no exílio (7), e os que voltaram estavam apáticos e desanimados (9,13). O desemprego era geral, os povos vizinhos eram hostis e a cidade estava dilacerada pelas discórdias (10). A seca arruinara as colheitas (12; cf. Ag 1.11), e o seu nome era um apelido pejorativo entre os pagãos (13). A situação era tão desesperadora que só um milagre podia curá-la (6).

O Senhor faz sete grandes promessas. "A cada palavra e frase, em que, por sua grandiosidade quase incrível, coisas boas são prometidas, o profeta promete: 'Assim diz o SENHOR dos Exércitos', como se dissesse: 'Não penseis que o que vos prometo parte de mim, e não me rejeiteis como homem sem crédito. O que revelo são as promessas de Deus"' (Jerônimo).[69]

1) Deus tem **grande zelo** em sua determinação de restaurar **Sião** (2). Por um lado, expressa seu amor por Sião e, por outro, sua indignação contra os inimigos.

2) O Senhor está a ponto de voltar para Sião após um período de 70 anos. Então, **Jerusalém chamar-se-á a cidade de verdade, e o monte do SENHOR dos Exércitos, monte de santidade** (3).

3) Jerusalém se tomará cena dos antigos tempos de serenidade e meninice alegre (4,5). Os velhos se sentarão e verão meninos e meninas que felizes brincarão nas mas. Houve cumprimento parcial desta promessa conforme registro dos dias de Simão Maeabeu: "E todo o país de Judá esteve sossegado por todo o tempo que Simão governou. [...] Os velhos estavam todos assentados pelas praças, e se entretinham na abundância dos bens da terra; e os moços se enfeitavam com vestidos magníficos e com hábitos de guerra. Ele firmou a paz nos seus estados, e Israel se regozijou com grande alegria. E cada um se punha assentado debaixo da sua parreira e debaixo da sua figueira, e não havia quem lhes fizesse o menor medo" (1 Mac 14.4,9,11,12[1]).[70]

4) Nada é difícil demais para o Senhor (6). Será que só por milagre Sião será transformada? "Muito bem", diz Zacarias, "Deus é igual ao milagre, pois para o Senhor, isso não é milagre".[71] Reparem nesta paráfrase: "Isso parece incrível para vocês - um resto de povo, pequeno e sem ânimo - mas para mim é algo muito simples".

5) Deus reunirá o seu povo - os judeus - na Terra Santa (7,8). O Senhor os trará **da terra do Oriente e da terra do Ocidente** (7) e **habitarão no meio de Jerusalém** (8). Jeová será o **Deus** deles e **eles serão** o seu povo **em verdade e em justiça.**

6) Os tempos angustiosos acabarão com a restauração do Templo (9-13). **Esforcem-se as mãos de todos vós** (9), exorta o Senhor aos habitantes de Sião. "Tenham ânimo e perseverem na reconstrução do Templo", parafraseia Rashi, "e não temam o povo da terra que 'debilitava as mãos do povo de Judá e inquietava-os no edificar' (Ed 4.4)".[72] Aqueles eram tempos desesperadores (10), **mas, agora** (11) despontava um novo estado de coisas. **A semente prosperará, a vide dará o seu fruto, e a terra dará a sua novidade, e os céus darão o seu orvalho** (12). A **maldição** que repousava na terra será removida, pois com a construção do Templo amanheceu um novo dia (13).

7) Deus fará **bem a Jerusalém,** se fizer o que for justo e for misericordiosa **(14-17).** Como Deus punira os israelitas pelos seus pecados quando lhe provocaram a ira, assim mostrará misericórdia e favor para com a nação **(14,15).** Em vista destes propósitos beneficentes, o Senhor prescreve de novo os mandamentos morais que estipulara pelos antigos profetas (cf. **7.9,10). Falai** a **verdade cada um com o seu companheiro; executai juízo de verdade e de paz nas vossas portas; e nenhum de vós pense** (trame; cf. NTLH; NVI) **mal no seu coração contra o seu companheiro, nem ame o juramento falso; porque todas estas coisas eu aborreço, diz o SENHOR (16,17).** Estas são palavras do autêntico profeta da justiça, e não estão limitadas pelo tempo em suas exigências da consciência humana. "Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim abrogar, mas cumprir" (Mt **5.17).** Aética cristã está solidamente baseada na profética do Antigo Testamento.

d) *Jejuns se transformam em banquetes de alegria* (8.18-23). Agora, Zacarias atinge o ápice da sua resposta à delegação (ver comentários em 7.2,3). Cesse o povo de jejuar -os dois jejuns já mencionados e os outros dois do exílio e os transforme em festas alegres. Os dias felizes de Jerusalém seriam tão atraentes que pessoas de muitas nações iriam junto com os judeus que voltassem para Sião, onde se uniríam na adoração de Deus Jeová. O **SENHOR dos exércitos** *(18,passim)* é um título comum entre os profetas para referir-se a Deus. Representa o poder e soberania do Senhor.

O texto de 7.3 ou 5 não menciona o jejum do **quarto mês** nem do **décimo** (19). Foi no **quarto mês** (mês de tamuz) que os babilônios fizeram uma brecha nos muros de Jerusalém e entraram na cidade (2 Rs 25.3,4; Jr 39.2). Ainda hoje este jejum é observado

pelos judeus no décimo sétimo dia desse mês.[73] O **décimo** mês (mês de tebete) marca o início do cerco babilônico de Jerusalém (2 Rs 25.1). Zacarias anuncia que doravante os quatro jejuns do exílio serão **para a casa de Judá gozo, e alegria, e festividades solenes.** Em seguida, passa a falar sobre as condições para o cumprimento de todas estas promessas: **Amai, pois, a verdade e a paz.** Em suma, o profeta afirma: Parem de jejuar e pratiquem as virtudes morais, pois foi a falta de tais práticas que tornaram necessários os jejuns.

No fim, Zacarias acrescenta a promessa da coroação: **Os habitantes de uma cidade irão a outra, dizendo: Vamos depressa suplicar o favor do SENHOR e buscar o SENHOR dos Exércitos... Assim, virão muitos povos e poderosas nações buscar, em Jerusalém, o SENHOR dos Exércitos e... naquele dia., pegarão dez homens... na orla da veste de um judeu, dizendo: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco** (21-23). Pegar **na orla da veste** ou "da capa" de alguém é expressão que significa procurar identificar-se com essa pessoa e buscar proteção nela.

Estas profecias se cumpriram? Em parte, sim. Os habitantes da terra *têm* subido a Jerusalém para adorar a Deus. Os judeus

são mundialmente reconhecidos como mestres da religião. Seus Escritos Sagrados tomaram-se a própria Palavra de Deus para multidões de pessoas de todas as raças, línguas e nações. Devemos a eles o Novo como também o Antigo Testamento. Seus legisladores, profetas, salmistas, apóstolos e santos nos deram a concepção de Deus e a vida que o Senhor exige e concede. Imediatamente antes da era cristã, as sinagogas judaicas eram luzes que brilhavam em um mundo de trevas pagãs. Estas assembléias tornaram-se pontes pelas quais o conhecimento de Deus e de Cristo passou para os gentios. Da nação judaica veio o Salvador da humanidade e os primeiros apóstolos da fé cristã. Em Jerusalém, Jesus de Nazaré se apresentou como o Messias prometido. Em Jerusalém, este mesmo Jesus se ofereceu como o único e perfeito sacrifício pelos pecados da humanidade. Em Jerusalém, Cristo ressuscitou, ascendeu ao Pai e inaugurou o Reino de Deus na terra. Em Jerusalém, o Espírito Santo desceu num dia festivo dos judeus e iniciou seu grandioso trabalho de convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo. Não há que duvidar que "a Jerusalém que é de cima [...] é mãe de todos nós" (G1 4.26).

Há também um tempo futuro, que possivelmente está bem perto, em que "todo o Israel será salvo" (Rm 11.26) e estas profecias terão um cumprimento ainda mais literal. Certos expositores vêem no movimento sionista e na restauração do Estado de Israel sinais de que o cumprimento último da profecia de Zacarias está muito próximo.

E nunca nos esqueçamos de que foi o cativeiro que purificou Israel da idolatria e libertou sua fé para tornar-se uma religião universal.

Eles entraram [no cativeiro] impregnados pelo politeísmo e saíram como monoteísmo mais ferrenho que o mundo jamais viu. Seus sofrimentos geraram suas mais nobres escrituras e consolidaram tenazmente sua posição no cânon sagrado. Expulsos pelos homens, refugiaram-se no seio de Deus. Separados dos ritos externos do Templo, foram impulsionados a agarrarem-se às realidades espirituais, das quais as instituições levitas eram meros tipos transitórios. Israel deve toda a influência que tem exercido no mundo ao sofrimento que culminou na conflagração do Templo; e, se fosse sábia, manteria para sempre essas antigas lembranças de desalento como dias festivos de sua ascendência.[74]

Seção II

1

A Bíblia Sagrada, traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo padre Antônio Ferreira de Figueiredo (Rio de Janeiro: Editora Guarabu Ltda., 1960). N. do T.

ORÁCULOS DEPOIS DA CONSTRUÇÃO DO TEMPLO

Zacarias 9.1—14.21

Ao iniciarmos a segunda seção da profecia de Zacarias percebemos imediatamente que estamos em outra situação histórica e profética. Abruptamente e sem aviso, cessam as promessas preciosas de um futuro glorioso para Sião e lemos anúncios tristes e desastrosos para nações e cidades que aparecem pela primeira vez na narrativa deste profeta. Há mudança significativa na fraseologia. A fórmula introdutória já não é "a palavra do SENHOR", mas o **peso da palavra do SENHOR.** Esta expressão ritual é anteposta a dois grupos de profecias compostos de três capítulos cada (9.1; 12.1).

Zacarias está agora bem avançado em idade, e estes pesos exercem grande pressão em seu espírito. Mas à medida que são anunciados, despontam as glórias do Messias e do seu reinado universal. As visões da primeira seção estavam relacionadas primariamente com acontecimentos contemporâneos, sobretudo a reconstrução do Templo; a segunda seção é primariamente *futurista.* Mostra o caminho para a vinda de Cristo e descreve assuntos em Israel e no mundo quando o reino de Cristo estiver instaurado e a "santidade ao SENHOR" for o lema da terra inteira.

A. O Peso de Hadraque, 9.1—11.17

Este é o primeiro de dois "pesos" que compõem o teor da segunda seção de Zacarias. **A** palavra hebraica significa "oráculo" como também **peso (1).** E provavelmente derivada de um radical que tem o sentido de "levantar", ou seja, levantar a voz, sobretudo quando o anúncio é de caráter ameaçador ou "difícil de carregar ou transmitir".[1]

1. *Os Preparativos para o Messias* (9.1-8)

Os problemas iniciais que o resto que voltara do exílio enfrentou com a reconstrução da cidade e do Templo agora estão quase todos resolvidos. Contudo, Jerusalém se encontra cercada e pressionada, ao norte, pela Síria e Tiro, e ao sul, por Asquelom, Gaza e Ecrom (ver mapa 2). E para animar os judeus que Zacarias prediz a proximidade de uma invasão na qual estes vizinhos fortes e hostis serão destruídos. Esta é uma paráfrase do versículo 1: "Esta mensagem fala sobre a maldição que Deus lançou contra as terras de Hadraque e Damasco porque o Senhor vigia de perto todos os homens, do mesmo modo que observa Israel" (BV). O oráculo declara que as cidades da Síria estavam sob o juízo de Deus, e destaca especialmente três cidades: **Hadraque, Damasco (1)** e **Hamate (2),** que ficava **160** quilômetros ao norte de **Damasco;** e **Hadraque** situava-se provavelmente na mesma região, embora seu local exato não seja conhecido. A segunda parte do versículo **1** não está clara. Talvez signifique que os olhos **do homem** (ou quem sabe seja melhor de "Arã" ou "Síria", NTLH) e **de todas as tribos de Israel** se voltarão **para o SENHOR** em reverente contemplação de seus julgamentos justos.

As próximas a cair seriam **Tiro** e **Sidom,** as principais cidades da Fenícia, apesar do fato de, em certo sentido mundano, serem muito sábias (2). O profeta declara que, embora **Tiro edificou para si fortalezas e amontoou prata como o pó e ouro fino como a lama das ruas... o Senhor a despojará e ferirá no mar a sua força, e ela será consumida pelo fogo** (3,4). A cidade de Tiro estava situada em uma ilha distante uns 800 metros do continente e totalmente cercada por muros

maciços. Mas ainda que se considerasse inconquistável, as calamidades preditas por Zacarias verdadeiramente se abateram sobre ela. Alexandre, o Grande, construiu um dique artificial do continente à ilha e, depois de um assédio de sete meses, destruiu completamente a cidade orgulhosa e matou milhares de seus habitantes.

AFilístia ficava ao sul de Tiro, e a queda desta naturalmente amedrontaria as cidades menos fortalecidas que ficavam no caminho de Alexandre. **Asquelom o verá e temerá, também Gaza e terá grande dor; igualmente Ecrom, porque a sua esperança** (que Tiro pudesse socorrer) **será iludida** (5). O **rei de Gaza** morrería e **Asquelom** ficaria despovoada. Um povo mestiço (em vez de **bastardo,** 6; cf. NTLH) moraria em **Asdode,** e a **soberba dos filisteus** seria totalmente esmagada. O profeta prediz que, depois de abandonar a prática pagã de comer sangue, o **resto** da Filístia ficaria **para o nosso Deus** (7). Isto significa que os filisteus se converteríam à fé de Israel. **Será como príncipe em Judá** significa "que os filisteus [...] assumirão seu lugar, governo e povo como uma das divisões da nação judaica".[2] **Ecrom** será **como um jebuseu** significa que esta cidade filistéia se tornaria como Jebus (Jerusalém). Josefo declara que ocorreu mesmo essa incorporação de filisteus aos judeus. O versículo 8 é uma promessa de proteção para Judá, enquanto seus vizinhos estiverem nas garras do invasor: **E me acamparei ao redor da minha casa, contra o exército, para que ninguém passe e... volte.**

O profeta prevê a carreira promissora de Alexandre, o Grande (336-323 a.C.). Não é por acaso que esta passagem precede a predição do rei messiânico. Na opinião de Zacarias, o grande guerreiro preparava o caminho para Cristo. "Nesta previsão, o profeta leu o futuro com mais nitidez do que podería ter percebido naqueles dias", observa acertadamente J. E. McFadyen, "pois, pela expansão do idioma grego que adveio de suas conquistas, Alexandre nem sonhava que preparava o caminho para a LXX [Septuaginta] e o Novo Testamento, nos quais a história de nosso Deus foi contada para todo o mundo. De certo modo jamais suposto por ele ou por Zacarias, Alexandre foi um dos preparadores do caminho para a vinda do Senhor".[3] Esta interpretação da predição de Zacarias está em perfeita harmonia com o parecer de Pedro sobre a profecia do Antigo Testamento (ver 1 Pe 1.10,11).

2. A Apresentação do Messias (9.9-12)

Por estar o caminho pronto para o advento, agora vem o rei messiânico (9). Os intérpretes tanto cristãos como judeus, tanto liberais como conservadores, vêem aqui indubitável predição messiânica. Dentan comenta: "O profeta encara o exército de Alexandre somente como uma ferramenta na mão de Deus. Cavalgam invisivelmente com ele o Deus de Israel e o há muito esperado Príncipe da paz, que está a ponto de entrar em Jerusalém e restabelecer [...] as glórias espirituais do antigo reino de Davi".[4] Collins afirma: "A referência a Cristo é direta e imediata".[6] O intérprete judeu Eli Cashdan cita Rashi com o mesmo sentido: "Esta só pode ser referência ao rei Messias de quem é dito: *E o seu domínio se estenderá de um mar a outro mar,* visto que não encontramos outro rei com domínio tão vasto durante os dias do segundo Templo".[6] E com exatidão, T. T. Perowne analisa: "Não há acontecimento na história judaica que corresponda sequer tipicamente com esta predição".[7] Quando Jesus de Nazaré entrou em Jerusalém no domingo que antecedeu sua morte, cumpria conscientemente esta grande profecia e apresentava-se para a cidade como o rei messiânico há tanto tempo esperado.

Zacarias anuncia que a entrada do rei será ocasião de grande alegria em Jerusalém. Ver Lucas 19.37-40 para comprovar o

cumprimento desta predição.

O profeta descreve o caráter do Messias: Ele é **justo e Salvador (9;** "ele vem triunfante e vitorioso", NVT). Em hebraico, **Salvador** é um particípio passivo e deveria ser traduzido, literalmente, por "sendo salvo" (no sentido de ser divinamente defendido).[8] Ao ressuscitar Jesus, Deus ratificou as declarações messiânicas de nosso Senhor e o defendeu diante de seus algozes. No dia do Pentecostes, Pedro declarou: "A esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo" (At 2.36). Este também é o sentido da afirmação de Paulo de que Jesus foi "declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, *pela ressurreição dos mortos"* (Rm 1.4; grifos meus). Quando entrou em Jerusalém montado em um jumentinho, Jesus não apenas se proclamou o Messias registrado por Zacarias; também se entregou aos inimigos e a Deus - na certeza de que com sua morte iminente o Pai o defendería, ao ressuscitá-lo dos mortos (cf. Mc 10.32-34). Portanto, sua entrada *era* "triunfante e vitoriosa", como o profeta predissera.

Pobre e montado sobre um jumento (9), pois é o prometido Príncipe da paz. Zacarias anuncia que o Messias não será um conquistador montado em um cavalo de guerra, mas será um rei humilde que cavalga em um despretensioso animal de carga, usado para fins pacíficos. "Até hoje no Oriente os jumentos são usados, conforme descrição no cântico de Débora, por altos funcionários, mas somente quando estão em missão civil e não em incumbência militar".[9] Seu reinado se assemelhará ao seu caráter: **E destruirei os carros de Efraim e os cavalos de Jerusalém, e o arco de guerra será destruído; e ele anunciará paz às nações; e o seu domínio se estenderá de um mar a outro mar e desde o rio até às extremidades da terra** (10). O Príncipe da paz acabará com todo tipo de equipamento militar quando seu reino estiver completamente estabelecido (cf. Is 2.4). **Efraim** (Israel) e **Jerusalém** desfrutarão a prometida bênção de paz na era messiânica. Os mares mencionados por Zacarias são indubitavelmente o Mediterrâneo e o Morto, ao passo que o **rio** se refere ao Eufrates. A linguagem significa que o reino messiânico se estenderá até às fronteiras extremas da terra. Compare a profecia de Isaías acerca de Cristo: "Porque toda bota com que anda o guerreiro no tumulto da batalha e toda veste revolvida em sangue serão queimadas como lenha no fogo. Porque um Menino nos nasceu, um Filho nos foi dado, e o governo estará sobre os seus ombros; e o seu nome será Maravilhoso, Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz. Não haverá fim ao aumento do [seu] governo ou à paz no trono de Davi e no seu reino, que está firmemente estabelecido e firmado na justiça e na retidão desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos exércitos fará isso" (Is 9.5-7, VBB).

Ao falar para a **filha de Sião,** Zacarias compara seu estado cativo com os **presos** em uma **cova em que não** há **água (11).** Tais cativos encaram a morte inevitável e horrível. Esse seria o destino de Israel, se não fosse **por causa do sangue do teu concerto** (cf. Êx 24.5-7). Devido a este concerto, os israelitas são chamados **presos de esperança** e exortados a voltar **à fortaleza (12).**

3. *O Programa do Messias* (9.13—10.12)

a) *A prometida vitória de Sião sobre a Grécia* (9.13-17). "Este oráculo está singularmente fora de compasso com o espírito do último, que anunciou a chegada da paz messiânica", admite George Adam Smith. Mas cita a observação de Stade sobre os capítulos 9 a 14: É freqüente "um resultado ser primeiramente declarado para depois o oráculo descrever o processo pelo qual foi alcançado".[10] Ao estudarmos estes capítulos, devemos manter em mente esta informação.

A maioria dos comentaristas concorda que o versículo 13 inicia um novo tópico, como destaca Smith. Nos versículos 13 a 17, Deus faz uma promessa de vitória e liberdade para Judá. A bênção, não deixemos de notar, tem de ser de Deus. O Senhor meramente usa seu povo como armas: **Judá** como **arco, Efraim** como flechas e **Sião** como **espada** (13). O ataque de Sião tem de ser contra a **Grécia.** Nos dias de Zacarias, os gregos já chamavam a atenção do Oriente Próximo. Os judeus que voltaram do cativeiro já teriam ouvido falar do incêndio de Sardes (em 499 a.C.) e da batalha de Maratona (em 490 a.C.). Mais recentemente, as vitórias dos gregos sobre Xerxes em Salamina, Platéia e Micale (em 480-479 a.C.) chamaram a atenção de Neemias e seus contemporâneos. A palavra **Grécia** (hb. *Javan*) deve ser entendida em seu significado mais amplo, aplicável a todos os helenistas na região mediterrânea.

"Na ótica dos comentaristas judeus, o versículo prediz as guerras empreendidas com sucesso pelos heróis macabeus contra os regentes gregos da Síria. Rashi faz a seguinte paráfrase: 'No fim, os gregos tomarão o reino das mãos dos reis da Pérsia; eles vos maltratarão, mas curvarei Judá para mim como um arco de guerra, e os judeus farão guerra contra Antíoco nos dias dos asmonianos".[11]

Os versículos 14 e 15 destacam a verdade de que é Deus quem dará vitória ao seu povo. O versículo 14 significa, provavelmente, que usará os poderes da Natureza para cumprir seus propósitos. No versículo 15, o profeta descreve a perfeição da vitória: "Defenderá o seu povo e eles dominarão seus inimigos, pisando-os com os pés. Sentirão o gosto da vitória e gritarão em triunfo. Vão arrasar os seus inimigos e deixarão atrás de si um terrível massacre" (BV). O versículo 16 apresenta a preciosidade do povo de Deus: Eles são seu **rebanho** e **pedras** ("jóias", NVI) **de uma coroa.** No versículo 17, Zacarias tem um vislumbre da terra restabelecida de Judá: "Como será bom e belo esse país!" (NTLH).

b) *Prospectos eticorajadores* (10.1-5). A promessa de prosperidade temporal que finalizou o capítulo precedente continua e é ampliada em 10.1,2. O povo tem de olhar para Deus em busca da **chuva serôdia** (1), a qual caia na primavera e amadurecia os cereais e vinhedos. O termo **relâmpagos** é mais bem traduzido por "nuvens tempestuosas", pois estas acompanham a **chuva serôdia.**

A ordem: **Pedi ao SENHOR chuva** é endossada pela lembrança da **vaidade** de olhar para os "ídolos" **(2,** ECA; **terafins,** *i.e.,* "ídolos do lar", ARA). No passado, os judeus iam **como ovelhas** (no sentido de vaguear, estar perdido, cf. BV; NVI) e estavam **aflitos,** pois **não** havia **pastor** para cuidar deles; seus regentes eram falsos. A **ira** de Deus **se acendeu** contra os **pastores** e os **bodes** (3; cf. Ez 34.17). Nesse grande apuro dos judeus, o próprio Deus se tornou Pastor e fez deles "esplêndidos corcéis na sua campanha militar" (3, Moffatt; cf. NVI). "Nesta passagem", observa Collins, "é usado o perfeito profético, o equivalente do futuro. Na fixidez do propósito divino, a transformação prometida era tão boa quanto efetivada.[12] O versículo 4 amplia a promessa, ao anunciar que de Judá virão os conquistadores. Smith-Goodspeed torna a imagem clara: "Dele virá a pedra de esquina, dele a estaca da tenda, dele o arco para a guerra e dele todos os chefes" (cf. ARA).

E **entram na peleja, esmagando os inimigos; porque o SENHOR estará com eles** (5). Estes grandes guerreiros e líderes surgiram de Judá durante o período dos macabeus. Contudo, a referência última pode ser ao "Leão da tribo de Judá", por cujo poder grandioso o Reino de Deus, no fim dos tempos, triunfará sobre todos os que lhe opuserem. "Porque convém que reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés" (1 Co 15.25).

c) *A restauração da nação* (10.6-12). Veja como Moffatt traduz o versículo 6:

Eu fortalecerei a casa de Judá E salvarei a casa de José;

Em minha compaixão os levarei para o seu país Até que sejam como se eu nunca os tivera expelido.

Ao assobiar (8; cf. Is 5.26) como o apicultor chama as abelhas (cf. Is 7.18) ou o pastor o rebanho, Deus promete trazer de volta à **terra de Gileade e do Líbano** (10) o seu povo que está "espalhado" (9, BV) **em lugares remotos** (9), sobretudo no **Egito** e na **Assíria** (10). Nos dias de Zacarias havia o problema da baixa densidade populacional em Judá. O Senhor promete um retorno maciço de judeus até que **não se** ache **lugar para eles.** Nada deterá Deus, mas, como antigamente, seu povo "atravessará o mar do Egito" (11, RSV; cf. NTLH; Is 11.15,16). E a força virá do próprio Jeová. **E eu os fortalecerei no SENHOR, e andarão no seu nome, diz o SENHOR.** (12).

4. *Os Dois Pastores* (11.1-17)

a) A *destruição de Jerusalém* (11.1-3). Neste capítulo, temos uma imagem que combina com o quadro pintado no capítulo 10. Ali, brilha com a vinda do Messias, as vitórias que obteria e as bênçãos que daria. Aqui, é lúgubre com sua rejeição e conseqüências trágicas. O capítulo começa com uma descrição destas conseqüências (1-3), cuja vivacidade Moffatt traduziu assim:

Abre as tuas portas, ó Líbano,

Para que o fogo queime os teus cedros!

Geme, ó cipreste,

Pois os cedros caíram

[as árvores gloriosas foram espoliadas].

Gemei, ó carvalhos de Basã,

Pois a densa floresta foi derrubada!

Ouvi os pastores lamentando,

Pois seus pastos gloriosos foram arruinados!

Ouvi os leõezinhos rugindo,

Pois a selva do Jordão foi destruída!

"O flagelo devastador, procedente do norte, arruina o orgulho do Líbano e Basã. Em seguida, devasta em direção sul até chegar ao vale do Jordão, e estabelece-se sobre os pastores de Israel".[13] Os **cedros** do **Líbano,** os **carvalhos de Basã** e

outras frases semelhantes significam os governantes e líderes das nações condenadas. A Bíblia sempre compara a Assíria e o Egito com o cedro imponente (cf. Is 10.33,34; Ez 31.3-15).

Como veremos no texto à frente, o profeta prediz a destruição de Jerusalém feita pelos exércitos romanos.[14]

b) Arejeição do Bom Pastor (11.4-14). Esta subdivisão trata das causas do julgamento descrito acima. S. R. Driver considera esta passagem "a mais enigmática do Antigo Testamento". Contudo, a idéia básica afigura-se nitidamente clara. A catástrofe ocorrida em Jerusalém emanou da conduta imprópria, persistente e duradoura do povo e seus pastores (ou regentes). Atingiu o ápice quando rejeitaram o Bom Pastor, que Deus enviara para alimentar o rebanho.

O próprio Zacarias foi chamado para desempenhar o papel do bom pastor numa alegoria que relembra os quadros em Jeremias e Ezequiel, da destruição dos falsos líderes e da designação do verdadeiro condutor (cf. Jr 23.1-8; Ez 34; 37.24-28). "Assim diz o Senhor, meu Deus: Apascenta o rebanho destinado para a matança, cujos donos o matarão e dirão que não são culpados; enquanto os que os vendem dizem: 'Bendito seja o Senhor, fiquei rico!' Os pastores não poupam o rebanho" (4,5, VBB; cf. NVI). Os chefes civis e religiosos tinham tão pouco patriotismo e espiritualidade que careciam de senso de responsabilidade ao povo confiado aos seus cuidados. Por não terem tido piedade das pessoas, Deus disse: **Não terei mais piedade dos moradores desta terra... mas eis que entregarei os homens cada um na mão do seu companheiro e na mão do seu rei; eles ferirão a terra (6).**

O profeta fez como lhe fora mandado e assumiu a função de pastor de Israel. "Assim me tornei pastor do rebanho destinado à matança" (7, NVI). E "tomei para mim duas varas: a uma chamei Graça [que simboliza o favor divino prometido ao povo de Deus], e à outra chamei União [que significa a unidade que deveria existir entre Judá e Israel], e apascentei as ovelhas" (7, ECA; cf. NVI). **Num mês,** acabou com os **três pastores** (8). Este ponto não está claro, mas no parecer de Calvino significa que Deus "cuidou muito bem do seu rebanho, porque o amava e nada omitiu que fosse necessário para defendê-lo". Certos estudiosos pensam que a frase é uma glosa de escriba.

Apesar de todo o cuidado prestado ao rebanho, os serviços pastoris não foram considerados. "Então eu disse: Não serei vosso pastor; a que estiver para morrer, que morra, a que estiver perdida, que fique perdida, e as sobreviventes que devorem umas às outras" (9, Moffatt). O profeta apanhou a "vara chamada Graça" (ARA) e a quebrou, e desta forma anulou o concerto de graça com Israel. O ato significava que a nação se tomaria presa dos inimigos. As pessoas que viram este fato dramático sabiam que **era** a **palavra do SENHOR (11).**

Em seguida, Zacarias cobrou seus salários pelos serviços prestados, caso se sentissem dispostos a pagá-lo. Deixou que o povo resolvesse quanto valiam os serviços para eles. **E pesaram o meu salário, trinta moedas de prata** (12), o preço de um escravo ferido (cf. Êx 21.32).

Até este ponto, o profeta falou como representante do Senhor. Agora é Deus mesmo quem toma a palavra: **Arroja isso ao oleiro,**[16] na **Casa do SENHOR** (13). Zacarias é irônico ao chamar o salário de **belo preço,** ("preço 'fabuloso'", BV). A quantia mostra o quanto o desprezavam e os seus serviços. O fato de a prata ter sido lançada **na casa do SENHOR** significa que foi ao próprio Deus que pagaram a soma miserável.

É impossível ler a resposta insultante dada pelo povo ao Bom Pastor sem sentir como é profética esta passagem. Israel não tivera muitos bons condutores no transcurso da sua história (cf. Ez 34); mas quando veio o maior pastor de todos, pronto para entregar a vida pelas ovelhas (cf. Jo 10.15), foi menosprezado, rejeitado, vendido por preço de escravo (Mt 26.15) e pregado numa cruz. "Os culpados sacrificam o inocente, mas nesta ação executam a própria destruição. Este é um resumo da história de Israel" (G. A. Smith).[16]

Mateus 27.9,10 demonstra especificamente que este incidente simbólico do pastor cumpriu-se na traição de Judas. Jesus foi vendido por "trinta moedas de prata", e esta quantia foi, mais tarde, lançada no Templo pelo traidor e usada para comprar um "campo do oleiro". O texto de Mateus 27.9 diz que esta profecia é de Jeremias. Uma possível explicação para isso é que um escriba confundiu "Zacarias" com este profeta, ao copiar o texto. A probabilidade é que Mateus citava a profecia de um grupo de passagens do Antigo Testamento que tratavam deste tema, e colocou-a na "lista de Jeremias".[17]

Depois deste incidente, o profeta quebrou "a segunda vara, chamada União" (ARA), "como sinal de que estava desfeita a união de irmãos que havia entre Judá e Israel" (14, NTLH).

c) *O pastor imprestável* (11.15-17). Após desempenhar o papel do bom condutor, agora o profeta é chamado a representar um **pastor insensato** (15, "imprestável", Moffatt;

cf. NTLH). **Porque eis que levantarei um pastor na terra, que não visitará as que estão perecendo, não buscará a desgarrada e não sarará a doente, nem apascentará a sã; mas comerá a carne da gorda e lhe despedaçará as unhas**

(16). "Por pastor infiel, nesta passagem, devemos entender o opressor romano que destruiu o estado judaico e molestou impiedosamente os judeus após terem rejeitado Cristo".[18] Este "pastor imprestável" tem de assumir a responsabilidade por suas próprias ações e ser adequadamente punido (17), como mostra claramente a tradução de Moffatt:

Que a espada fira o seu braço E o seu olho direito!

Que o seu braço se seque E que o seu olho direito fique cego!

B. O Peso de Israel, 12.1—14.21

Como no peso anterior **(9.1),** esta subdivisão inicia com o título geral: **Peso da palavra do SENHOR sobre Israel (1);** e, como antes, este título pertence ao grupo de profecias que se seguem, e, desta feita, estende-se até o final do livro. Aqui, porém, o **peso** não é "em" ou "contra" (hb., *bh)* Israel, mas **sobre** ou "concernente" (hb., *al)* a Judá (cf. NTLH). O Senhor punirá severamente os inimigos de seu povo, pois maltrataram-no cruelmente.[19]

As predições desta seção final de Zacarias estão unidas pela expressão **naquele dia,** a qual ocorre **16** vezes nestes três capítulos.[20] Este fato significa, sem dúvida, que o cumprimento máximo deste oráculo para Israel acontecerá no "dia do SENHOR" **(14.1).** Esse é o momento escatológico que começará com a segunda vinda de Cristo, quando estiverem "os seus pés sobre o monte das Oliveiras" **(14.4),** do qual ascendera depois da ressurreição (At **1.11,12).**

1. *As Vitórias Finais de Israel* **(12.1—13.6)**

a) *A libertação de Jerusalém* **(12.1-9).** Há uma solenidade incomum ligada às palavras iniciais deste oráculo. Para acabar

com toda a dúvida sobre sua capacidade de livrar o povo, Deus prefacia a predição deste acontecimento glorioso e invoca o seu poder criativo e sustentador. Fala na função de Criador **que estende o céu, e que funda a terra, e que forma o espírito do homem dentro dele (1).** Seu desejo é que não duvidemos "da promessa de Deus por incredulidade", mas que estejamos certíssimos "de que o que" prometeu "também é "poderoso para o fazer" (Rm **4.21).**

"A visão em si", F. B. Meyer nos lembra, "refere-se a um tempo ainda futuro, embora, talvez, não distante, em que o povo judeu terá voltado à sua terra, mas ainda em incredulidade".[21] As nações da terra entrarão em aliança contra Jerusalém, mas o destino desta confederação será a derrota extrema e final. **Eis que porei Jerusalém como um copo de tremor para todos os povos em redor e também para Judá, quando do cerco contra Jerusalém (2).** Jerusalém é um grande **copo** ou "taça" (NTLH) em tomo da qual as nações se reúnem, ávidas por beber o conteúdo atraente, mas que é "taça que causa atordoamento" (VBB; cf. ECA); faz com que cambaleiem e caiam (cf. Is **51.22).** No versículo **3,** a figura alegórica muda: **Naquele dia... farei de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos; todos os que carregarem com ela certamente serão despedaçados.** Na Antiguidade, mover pedras pesadas era ocasião freqüente de acidentes trágicos e perda de vida. George Adam Smith julga que a referência seja ao empenho dos trabalhadores em desalojar da terra gigantescos matacães (blocos de rocha compacta arredondados pela erosão). As mãos ficavam dilaceradas pelas pedras no esforço estrênuo de arrancá-las do lugar ou de transportá-las.[22] Jerônimo era de opinião de que a figura foi tirada da competição de levantamento de peso como vira na Palestina. O levantamento era demais para os concorrentes, que, depois de pegar a pedra e tentar mantê-la, derrubavam-na, e cortavam-se e feriam-se com a desistência.

Sobre a casa de Judá abrirei os meus olhos (4) é metáfora que denota atitude favorável. Os inimigos ficariam confusos, quando Deus ferisse com "pânico" (RSV) **todos os cavalos** e com **loucura os que montam neles.** As palavras **todos os cavalos dos povos** aludem aos "cavalos dos inimigos" (NTLH) de Israel. Ao verem a confusão dos atacantes, **os chefes de Judá dirão no seu coração: A minha força são os habitantes de Jerusalém e o SENHOR dos exércitos, seu Deus (5).**

Os príncipes de Judá tomarão parte no triunfo de Jerusalém. Em relação a isso, a profecia emprega dois símiles interessantes. "Naquele dia farei das famílias de Judá um pequeno fogo que queima uma grande floresta - como uma pequena tocha entre os feixes" (6, BV). O resultado desta conflagração entre os inimigos de Jerusalém será a sobrevivência da cidade **no seu próprio lugar** (6).

Nesta libertação, as **tendas de Judá** são salvas em primeiro lugar para que os **habitantes de Jerusalém não sejam** exaltados **acima de Judá** (7). Em nota de rodapé, a Versão Bíblica de Berkeley observa que o Messias viria de Belém da Judéia e não de Jerusalém. A glória não pertencerá nem a Judá, nem a Jerusalém, mas ao Senhor. Com seu amparo, **o que dentre eles tropeçar** ("o mais fraco dentre eles", ARA) **será como Davi, e a casa de Davi será como Deus, como o anjo do SENHOR diante deles** (8). Wardlaw escreve a respeito desta promessa: "O significado geral é que o Senhor Deus fortalecerá os mais fracos, dará mais sublimidade, honra e influência aos mais ilustres, e aumentará divinamente o poder dos mais poderosos. Ele fará isso para que jamais haja força adversária que permaneça diante deles, como quando o divino anjo do concerto foi comissionado a ser o guia e guardião de quem Jeová disse: O MEU NOME ESTÁ NELE".[23]

b) *O arrependimento de Israel* (12.10-14). Em seguida ao livramento dos inimigos, Deus derramará **sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém... o Espírito de graça e de súplicas** (10). Aqui, a palavra **graça** denota os dons e

influência do Espírito.[24] Apalavra profética continua: **Olharão para mim, a quem traspassaram; e o**

prantearão (10). T. T. Perowne observa com acerto: "O orador é o Deus Todo-poderoso. Os judeus o traspassaram metaforicamente quando, ao longo da história, foram rebeldes e ingratos. Eles o traspassaram literalmente e como ato de coroação da sua contumácia, na pessoa de seu Filho na cruz do Calvário (Jo **19.39)".**[26] O cumprimento desta profecia no pranto daqueles que o traspassaram ainda está no futuro, pois espera o retorno do Messias que há muito foi rejeitado. Esta profecia é apoiada pela mensagem de João na ilha de Patmos: "Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até os mesmos que o traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Sim! Amém!" (Ap **1.7).**

O pranto por Cristo será como o choro pela "perda de um filho único" (NVT), **como se chora amargamente pelo primogênito** (10) e **como o pranto de Hadade-Rimom**

(11), ou seja, o luto nacional pela morte do rei Josias. Acredita-se que **Hadade-Rimom** era uma cidade que ficava **no vale de Megido,** onde este monarca fora morto. Embora só **Jerusalém** seja mencionada a prantear, os versículos que se seguem deixam claro que a cidade representa a totalidade de Israel.

Vários intérpretes consideram que as famílias mencionadas especificamente nos versículos 12 e 13 sejam representantes das principais camadas sociais da nação: **a linhagem** ("família", ARA) **da casa de Davi** representa a família real; **a linhagem da casa de Natã,** a linhagem profética (12); **a linhagem da casa de Levi,** o sacerdócio; **a linhagem da casa de Simei,** os escribas e mestres de Israel (13). O pranto será universal e solitário: **Cada linhagem** ("família", ARA), **à parte, e suas mulheres, à parte** (14). Pecamos sozinhos; nos arrependemos sozinhos. "A menção de as esposas prantearem **à parte** está ligada à prática de homens e mulheres se sentarem e adorarem separadamente" [26] (cf. BV; NTLH).

O pranto por Cristo começou na hora da crucificação (Lc 23.48). O número de pranteadores aumentou grandemente no dia de Pentecostes (At 2.36-41). Ao considerar que pelos seus pecados todas as pessoas foram envolvidas no traspassamento de Cristo, o choro de todo aquele que se arrepende é cumprimento parcial desta palavra profética. Mas o cumprimento final ocorrerá quando Cristo voltar pela segunda vez. Então, "uma nação nascerá em um dia", pois, relacionado com a volta do Messias em glória, "todo o Israel será salvo" (Rm 11.26; cf. comentários em 14.16-19).

c) A *conversão e santificação de Israel* (13.1-6). **Naquele dia, haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, contra o pecado e contra a impureza** (1). O **dia** é o mesmo assinalado em 12.11. O traspassamento do Messias rejeitado foi, na realidade, a abertura da **fonte.** Mas as providências disponibilizadas no Calvário não efetivarão a salvação *nacional* de Israel até que Cristo volte nas nuvens dos céus (Ap 1.7).[27]

Henderson declara que o versículo 1 "mostra as duas principais doutrinas do Evangelho - a justificação e a santificação".[28] A morte de Cristo abriu uma **fonte** 1) **contra o pecado** e 2) **contra a impureza.** A justificação é pelo sangue da expiação (Rm 3.21-26); a santificação é pelo "Espírito de graça" (12.10; 2 Ts 2.13; 1 Pe 1.2). Justificação significa o aniquilamento de nosso pecado, a retificação de uma relação errada com Deus, de forma que pela fé somos restaurados ao favor de um Deus santo e justo. No sentido mais amplo, santificação significa a total renovação moral de nossa natureza caída, que começa com a "lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo" (Tt 3.5) e se aperfeiçoa pelo batismo com o

Espírito Santo (Mt 3.11; At 1.4,5; 15.8,9).

No dia de Pentecostes, Pedro mostrou a fonte purificadora: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo" (At 2.38).

Com eloqüência maravilhosa, John Bunyan extraiu a força destas palavras: "cada um de vós":

"Mas eu o feri na cabeça com a vara: Há esperança para mim?" *Cada um de vós,* diz o apóstolo. "Mas eu lhe dei um tapa no rosto: Há perdão para mim?" Sim, é

a resposta, para *cada um, de vós.* "Mas eu preguei os cravos nas mãos e nos pés, que o fixaram na cruz: Há purificação para mim?" Sim, clama Pedro, para *cada um de vós.* "Mas eu perfurei o seu lado, embora nunca me tivesse feito mal; foi um ato cruel e desumano, e me arrependo profundamente por tê-lo feito: Esse pecado pode ser lavado?" *Cada um de vós,* é a resposta constante.

Como foi no começo desta era, assim será no seu fim - com uma diferença: enquanto que no começo poucos milhares de pessoas entraram na fonte, "naquele dia" a grande maioria de Israel se lavará nela e ficará limpo. Então, as palavras do apóstolo Pedro, ditas no despontar desta era, se cumprirão. Quando Israel se arrepender e se converter, virão "os tempos do refrigério pela presença do Senhor". Então, enviará "a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado, o qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio" (At 3.19-21).

Desde o início da era cristã, a verdadeira fonte aberta contra o pecado e a impureza tem servido a milhões de arrependidos que a buscam na pessoa de Jesus Cristo. Mas Perowne vê mais: "Além disso, em outra era a predição se cumprirá em sua inteireza, com a perfeição em todos os pormenores e com a exatidão de detalhes nunca antes obtida".[29]

Naquele dia, diz o SENHOR dos Exércitos... tirarei da terra os nomes dos ídolos (2), ou seja, Deus acabará até com a lembrança das divindades. Expulsará os falsos **profetas e o espírito da impureza** que os incita. Será tão grande o zelo pela religião pura que os pais de algum falso profeta que restar o matarão, porque falou mentiras **em nome do SENHOR** (3). Semelhante descrédito será lançado ao falso profeta **naquele dia** que ficará envergonhado pelas coisas das quais outrora se orgulhava. Não usará mais **manto de pêlos** (4) para mentir, a fim de que as pessoas o julgassem profeta; mas dirá: **Não sou profeta, sou lavrador da terra; porque tenho sido servo desde a minha mocidade** (5). E se alguém ainda tiver dúvidas por causa das **feridas** nas suas **mãos** (6), explicará: **São as feridas com que fui ferido em casa dos meus amigos.** Estas **feridas** referem-se às "incisões que os falsos profetas faziam em si mesmos" (1 Rs 18.28).

Este último versículo é geralmente associado com as marcas dos cravos nas mãos de Cristo. Contudo, este não é o significado natural da declaração e em nenhum lugar encontramos essa aplicação no Novo Testamento. A passagem é traduzida com mais precisão assim: "Que feridas são estas entre as tuas mãos?" (VBB). A nota de rodapé na Versão Bíblica de Berkeley sobre o versículo em pauta explica: "Em hebraico, 'entre as tuas mãos', significa 'no peito' (cf. NTLH) ou 'nas costas' (cf. BV), o mesmo que 'entre os teus braços'". A nota de rodapé em A Bíblia Viva traz este comentário acerca do versículo: "O contexto deixa claro que esta passagem não se refere a Jesus Cristo. Este é um falso profeta que mente sobre a razão das feridas".

2. *As Vitórias Finais do Pastor-Rei* (13.7—14.21).

a) *A ferida do Pastor* (13.7-9). O começo desta subdivisão é tão abrupto que muitos críticos modernos colocam estes versículos no fim do capítulo 11, logo após o relato do pastor imprestável. Esta passagem é continuação do tema do Bom Pastor (cf. 11.1-17), mas se ajusta bem aqui como seqüência das precedentes profecias de libertação, arrependimento, conversão e santificação de Israel. "Além do mais, não era porque afirmava ser profeta, ou porque estavam nervosos com declarações semelhantes, [...] mas era "porque se fez Filho de Deus" (Jo 19.7) que os judeus tomaram parte em ferir o Pastor".[30]

Podemos explicar a transição aparentemente brusca pelo fato de que esta subdivisão é paralela à passagem precedente, em vez de ser seqüencial. Ao descrever a futura conversão e transformação de Israel, o profeta retrocede a um ponto com o qual iniciara a subdivisão anterior. Mais uma vez, inicia com uma nova visão da perspectiva, e parte com a ferida do Pastor até chegar à meta da verdadeira santificação, já anteriormente alcançada.[31]

O espada, ergue-te contra o meu Pastor... diz o SENHOR dos exércitos; fere o Pastor (7). Esta é inconfundivelmente uma profecia de Cristo, que é o pastor de Jeová incumbido de cuidar do rebanho. "Em sua pessoa, Jesus é exclusivamente adequado para a tarefa, por ser homem e, ao mesmo tempo, companheiro de Jeová (7). A palavra hebraica *gebher,* traduzida por **varão** ("homem", ARA), é enfática e indica que o pastor é, acima de tudo, homem; ao passo que a palavra hebraica *kamith,* quer dizer **companheiro,** e contém a idéia de companheirismo em condições iguais. O ato de ferir um mero regente judeu [...] não podia ser considerado como cumprimento último e verdadeiro desta profecia".[32] Ao mesmo tempo em que as Escrituras afirmam que Cristo foi crucificado "pelas mãos de injustos", também declaram que "foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus" (At 2.23).

A profecia apresenta o efeito imediato de ferir o pastor: **Espalhar-se-ão as ovelhas.** Cristo não dá margem à dúvida quanto ao significado destas palavras, quando disse: "Todos vós esta noite vos escandalizareis em mim, porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se dispersarão" (Mt 26.31). Mas o rebanho não ia ser abandonado nesta condição de espalhamento, pois a profecia continua: **Volverei a minha mão para os pequenos.** Tradução literal desta passagem é: "Retrocederei a minha mão sobre os humildes" (cf. BV), no sentido gracioso de Isaías 1.25. "A mão e o poder de Deus que estavam no pastor *ressurreto* que voltou da morte são virados sobre eles e os reúne" (Stier). Espalhados pela crucificação de Jesus, os discípulos dispersos foram reunidos pela sua ressurreição (Mt 26.32).

Os versículos 8 e 9 são a base para a doutrina do Novo Testamento de "um resto, segundo a eleição da graça" (Rm 11.5). Não é necessário interpretarmos literalmente as **duas partes** (8) e uma **terceira parte** (9). A verdade desta profecia é simples. Houve uma matança generalizada de judeus depois da crucificação de Cristo (no cerco de Jerusalém por Tito, em 70 d.C., e em subseqüentes ataques aos judeus). Mas também, houve um resto de Israel que creu ser Jesus o Cristo e que se tornou o núcleo da Igreja que evangelizou o mundo greco-romano. **Direi: E meu povo; e ela dirá: O SENHOR é meu Deus** (9).

b) O *dia do Senhor* (14.1-15). **Eis que vem o dia do SENHOR** (1). É impossível considerar que esta profecia misteriosa e sublime já tenha se cumprido. Também nada acontece na captura de Jerusalém sob o comando dos macabeus ou em sua destruição subseqüente pelos exércitos romanos que adequadamente satisfaçam as condições das palavras de Zacarias. Quando foi que **todas as nações** se reuniram **para a peleja contra Jerusalém** (2)? Quando foi que o **monte das**

Oliveiras foi **fendido pelo meio** (4)? Que dia já nasceu no oriente conforme descrevem os versículos 6 e 7?

Claro que é possível encaixar interpretações metafóricas e espiritualizadas em todos estes detalhes. Mas fazê-lo é prejudicar a força e o valor da escritura profética. Se as predições da vinda de nosso Senhor nos dias da sua humilhação se cumpriram de forma tão literal, por que supor íamos que as predições da segunda vinda em grande glória devessem ser tratadas metaforicamente?[33]

Este capítulo volta ao quadro profético do cerco de Jerusalém descrito no capítulo 12. A nação ainda está em incredulidade. A profecia inicia com um novo relato do grande cerco, mas passa a revelar a libertação maravilhosa que Deus dará para Jerusalém. O quadro é tão real quanto se o profeta descrevesse um fato histórico verdadeiro que testemunhara.

Em 1919, David Baron escreveu sobre esta predição:

Inicialmente, temos de supor que os judeus serão restaurados primeiramente na condição de incrédulos. Portanto, não será uma restauração completa de toda a nação, pois este fato não ocorrerá até que se convertam. Será, então, uma restauração de um resto representativo e influente. Pelo que entendemos, as Escrituras revelam que em relação a Israel e à sua terra haverá uma restauração antes da segunda vinda de nosso Senhor - uma restauração ao mesmo estado de coisas existentes na época da primeira vinda, quando a linha do procedimento de Deus para com eles foi nacionalmente descontinuada para não ser retomada "até que os tempos dos gentios se completem" (Lc 21.25).[34]

A criação do Estado de Israel em 1948 pressagia a proximidade do cumprimento da profecia de Zacarias. "Aprendei, pois, esta parábola da figueira", disse Jesus: "Quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o verão. Igualmente, quando virdes todas essas coisas, sabei que ele está próximo, às portas" (Mt 24.32,33).

O dia do SENHOR era expressão escatológica que há muito era usada pelos profetas (cf. Am 5.18-20; Is 2.12). Esta predição é sobre o "grande e terrível dia do SENHOR", quando Jesus voltará para executar o juízo final da história. De acordo com a visão bíblica, a humanidade se encaminha para um fim. **O dia do SENHOR** tem tido muitos cumprimentos *interno-históricos* em tempos de crise, quando Deus julga a história e promove uma vitória parcial do seu reino. O mais significativo destes cumprimentos foi a morte e ressurreição de Jesus, quando o reino de Cristo foi inaugurado.[36] Ainda tem de haver um cumprimento *supra-histórico* da história, quando Jesus voltar para consolidar seu reino. O cumprimento interno-histórico era precedente deste futuro cumprimento supra-histórico. Quando **o dia do SENHOR,** predito aqui por Zacarias *se completar,* então já não haverá mais demora (Ap 10.5). "Depois, virá o fim", quando Deus será "tudo em todos" (cf. 1 Co 15.24-28).

Este **dia do SENHOR** começará com a reunião das nações da Terra contra Jerusalém, quando **a cidade será tomada** (2). O cerco terá êxito no início. Há descrição de cenas de horror e brutalidade, comuns quando uma cidade cai nas mãos de um inimigo cruel. A **metade da cidade sairá para o cativeiro,** declara o profeta, **mas o resto do povo não será expulso da cidade** (2). Jerusalém será preservada para o grande acontecimento que é anunciado a seguir: Então, **o SENHOR sairá e pelejará contra estas nações** (3). O apóstolo João fala sobre o mesmo acontecimento: "Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até os mesmos que o traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Sim! Amém!" (Ap 1.7).

Zacarias prediz uma aparição literal do Salvador rejeitado. Os pés de Jesus pisarão onde Cristo muitas vezes palmilhou quando esteve aqui nos dias de sua existência material. **Estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está**

defronte de Jerusalém para o oriente... então, virá o SENHOR, meu Deus, e todos os santos contigo, ó Senhor (4,5; cf. Mt 25.31; Cl 3.4; 1 Ts 4.14; Jd 14). Isto só pode significar que haverá um cumprimento glorioso das palavras dos dois homens que se puseram junto aos apóstolos no monte das Oliveiras: "Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir" (At 1.11). F. B. Meyer observa com discernimento espiritual:

> **Foi precisamente quando seus irmãos estavam na maior dificuldade que José se revelou a eles. Do mesmo modo, será quando os judeus estiverem no limite extremo do pavor que clamarão em voz alta e pedirão ajuda e libertação àquele a quem rejeitaram. Essa cena memorável na antiga terra das pirâmides será reproduzida em toda a sua ternura e compaixão, quando o irmão, há tanto tempo rejeitado, disser aos judeus: "Eu sou Jesus, vosso Irmão, a quem vendestes para Pilatos; agora, pois, não vos entristeçais, nem vos pese aos vossos olhos por me haverdes entregado para ser crucificado; porque Deus me enviou diante da vossa face para conservação de um remanescente na terra e para guardar-vos em vida por um grande livramento" (ver Gn 45.1-15).[36]**

Quando o povo escolhido tiver reconhecido seu grande Libertador, este começará a libertá-lo. "Pode ser que os judeus o reconheçam no ato da libertação. O monte dividido fornecerá um rota de escape, como antigamente concedeu o mar dividido"[37] Estas são as dores de parto do fim dos tempos. **E acontecerá, naquele dia, que não haverá preciosa luz, nem espessa escuridão. Mas será um dia conhecido do SENHOR; nem dia nem noite será (6,7).** Será um dia especial só entendido pelo Senhor. Com a diminuição da luz natural, este dia particular não será nem dia nem noite como os entendemos. Não há que duvidar que os sentidos literal e figurativo estão misturados na próxima predição: **E acontecerá que, no tempo da tarde, haverá luz (7).**

Naquele dia, também acontecerá que correrão de Jerusalém águas vivas, metade delas para o mar Morto, **e metade delas até ao mar** Mediterrâneo (8; cf. NTLH). **Aguas vivas** fluirão de **Jerusalém** "para curar as nações" (cf. Ap 22.2, NTLH).[38] O fluxo destas águas não diminuirá nem **no estio** ("verão", ARA) nem **no inverno,** ou seja, as estações do ano não afetarão o volume das águas.

E o SENHOR será rei sobre toda a terra (9). João, na ilha de Patmos, também viu por um momento este dia e escreveu: "Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre" (Ap 11.15). Visto que Deus é o Senhor soberano da criação e da história, esta vitória é certa. O dia do Senhor *virá.* **Naquele dia,** continua o profeta, **um será o SENHOR, e um será o seu nome.** Este será o cumprimento último do *shema* do Antigo Testamento (Dt 6.4,5). A unidade da natureza de Deus tem de significar o reconhecimento final do seu nome soberano. O Novo Testamento deixa claro que o Senhor exercerá esta soberania em "nome de Jesus" (Fp 2.9-11).

Embora esta passagem prediga a volta literal de Cristo, expõe também muitos detalhes figurativos; em cada caso, é impossível separar o aspecto literal do metafórico. Fala: 1) da divisão do monte das Oliveiras (4,5); 2) da irrupção do próprio dia de Deus (6,7); 3) da emanação de águas vivas (8); 4) do abaulamento do solo que forma uma **planície, desde Geba até Rimom, ao sul de Jerusalém** (10, as extremidades Norte e Sul do país de Judá, cf. BV; NTLH), e ocasiona a elevação **(exalçada)** da cidade; e 5) da remoção da maldição do pecado (11). Estas são estrelas no céu da profecia de Deus.

Ao chegarmos ao versículo **12,** parece que voltamos a pisar um terreno mais literal. Desde o surgimento da ficção nuclear entendemos algo do horror da carne de homens **consumida, estando eles de pé (12).** A confusão que Deus enviará aos

exércitos dos inimigos de Jerusalém relembra muitas narrativas bélicas no Antigo Testamento (13). Além disso, as descrições nos versículos **14** e 15 são bastante fáceis de entender. Este é o linguajar do apocalipse judaico, e descreve uma cena que João apresenta com eloqüência rica e ardente no Apocalipse cristão (cf. Ap 19.11-18).

c) *O reinado milenar de Cristo* (14.16-21). O olho perspicaz do profeta agora tem a visão da vitória futura do reino de Deus na terra. **E acontecerá que todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorarem o Rei, o SENHOR dos Exércitos, e para celebrarem a Festa das Cabanas** (16). A visão límpida e maravilhosa que enchia o horizonte para os grandes profetas hebreus sempre mostrou Jerusalém exaltada como a metrópole religiosa do mundo. Espiritualmente, todas as tendências do pensamento religioso do mundo estão voltadas para a cidade onde o cristianismo nasceu e foi criado (cf. comentários em 8.2123). Mas uma profecia como esta não pode ser completamente espiritualizada. A exegese honesta requer que entendamos que a predição diz que a cidade literal de Jerusalém se tornará a capital religiosa do mundo durante o reinado milenar de Cristo.[39]

E imperativo que tenhamos o cuidado de não deixar de reconhecer esses elementos metafóricos que certamente fazem parte da profecia. Não é necessário que entendamos que o versículo 16 seja uma predição da restauração das festas literais do antigo concerto. [40] E, antes, a garantia "de que a alegria, a tranqüilidade e a pompa festiva que outrora permeavam a cidade naquela época do ano, caracterizarão a vida religiosa do mundo, cujo foco será 'a cidade amada'".[41]

E acontecerá que, se alguma das famílias da terra não subir a Jerusalém, para adorar o Rei, o SENHOR dos exércitos, não virá sobre ela a chuva (17). Este e os próximos dois versículos nos dizem que, mesmo no grande dia em que a glória do Senhor terá tomado conta de toda a terra, como as águas cobrem o mar, haverá pessoas impenitentes. O **Egito** (18,19) aqui, como tão freqüentemente no Antigo Testamento, simboliza a rebelião desafiante contra o verdadeiro Deus. "A verdadeira concepção do Milênio não insinua que todas as pessoas serão regeneradas; mas proclama que a influência preponderante do mundo será a favor de coisas que são justas, puras, amáveis e de boa fama".[42]

Naquele dia, se gravará sobre as campainhas dos cavalos: SANTIDADE AO SENHOR; e as panelas na casa do SENHOR serão como as bacias diante do altar. E todas as panelas em Jerusalém e Judá serão consagradas ao SENHOR dos Exércitos (20,21). Quando a vitória de Cristo estiver completa, as palavras sagradas que estavam inscritas na mitra do sumo sacerdote: "SANTIDADE AO SENHOR", serão inscritas nos "sininhos das rédeas dos cavalos" (NTLH) e nas vasilhas comuns de uso doméstico. Isto simboliza o cancelamento da distinção entre o sacro e o secular. Na lei do Antigo Testamento, os dias, lugares e artigos especiais eram postos à parte e dedicados a Deus como santos. Não era possível Deus ensinar aos homens o que significava santidade, exceto por este processo de proibição e separação. Mas quando a lição foi plenamente entendida, o código levítico foi abolido. Antigamente, os cavalos eram mercadoria proibida para o povo de Deus, mas **naquele dia** serão tão sagrados como os recipientes do Templo de Jeová. Cristo santifica o todo da vida, e quando estiver estabelecido totalmente sobre os assuntos deste mundo, tudo lhe será consagrado.

"Santidade ao Senhor" é nosso lema e canção,

"Santidade ao Senhor", enquanto marchamos avante.

Cantemos, brademos, bem alto e por longo tempo.

"Santidade ao Senhor", hoje e para sempre! **Sr.®**C. H. **Morris**

Notas

INTRODUÇÃO

'G. N. M. Collins, "Zechariah", ***The New Bible Commentary,*** editado por Francis Davidson ***et al.*** (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1953), p. 748.

[2] George Adam Smith, "The Book of the Twelve Prophets", ***The Expositor's Bible,*** editado por W.

Robertson Nicoll, vol. II (Nova York: George H. Doran Company, s.d.), pp. 264, 265.

[3] Mateus 27 não cita exclusivamente Zacarias II. O cumprimento ao qual Mateus se refere per

tence à compra do campo de um oleiro, o que aponta para Jeremias 32.6-9 (cf. Jr 18.2; 19.2,11). Sob a luz destas passagens de Jeremias, entendemos que o fato de Zacarias lançar o dinheiro ao oleiro é uma renovação do antigo símbolo feito por Jeremias. Ao considerar que Mateus combina Jeremias e Zacarias, só Jeremias, por ser profeta mais antigo, foi mencionado. Ver Gleason L. Archer Junior, ***A Survey ofOld Testament Introduction*** (Chicago: Moody Press, 1964), p. 411.

[4]Edward J. Young, ***An Introduction to the Old Testament*** (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1953), p. 270.

[5]Robert C. Dentan, "Zachariah", ***The Interpreteis Bible*** (Nova York e Nashville: Abingdon Press, 1956), p. 1.090.

[6] Young, ***op. cit.,*** p. 271; Dentan, ***ib.***

[7]Archer, ***op. cit.,*** p. 410.

"Archer, ***op. cit.,*** p. 413; Young, ***op. cit.,*** p. 272.

"Archer, ***op. cit.,*** pp. 414, 415.

"Citado por Young, ***op. cit.,*** p. 273.

"Collins, ***op. cit.,*** p. 748.

SEÇAOI

'Ver Introdução, "O Livro".

"Marcus Dods, ***The Post-Exilian Prophets*** (Edimburgo: T. & T. Clark, 1881), p. 67.

[3] Eli Cashdan, "Zechariah", ***The Twelve Prophets,*** editado por A. Cohen (Londres: The Soncino Press, 1948), p. 271.

[4]Loc. *cit.*

[5]T. T. Perowne, "Haggai, Zechariah and Malachi", ***The Cambridge Bible for Schools and Colleges,*** editor geral J. J. S. Perowne (Cambridge: University Press, 1893), "Zachariah", p. 5.

[6]G. Coleman Luck, ***Zechariah*** (Chicago: Moody Press, s.d.), p. 15. Quanto ao forte destaque que Zacarias dá à ética, cf. 1.4; 7.1-10; 8.16,17,19.

[7]Dods, ***op. cit.,*** p. 68.

"George Adam Smith, ***The Book of the Twelve Prophets,*** vol. II (Nova York: Harper & Brothers, **1940), p. 273.**

[9]7b.

"S. R. Driver, "The Minor Prophets", ***The New Century Bible,*** editado por Walter F. Adeney, vol. II (Nova York: Oxford University Press, 1906), p. 185.

[11] Cf. Collins, *op. cit.,* p. 749.

[12] Perowne, *op. cit.,* p. 72.

[13]Citado por Smith, *op. cit.,* p. 311.

[14] George A. F. Knight, "A Biblical Approach to the Doctrine of the Trinity", *Scottish Journal of Theology,* Edição Ocasional n.[s] 1, editores gerais T. F. Torrance e J. K. S. Reid (Edimburgo: Oliver & Boyd, Limited, 1953), pp. 27, 28.

[16] F. B. Meyer, *The Prophet ofHope* (Londres: Morgan & Scott, s.d.), p. 16.

[16]76., pp. 17,19. As citações bíblicas que Meyer fez encontram-se em Jeremias 3.14; Oséias 14.4 e Hebreus 7.25.

[17]76., p. 21.

"Cashdan, *op. cit.,* p. 276; Meyer, *op. cit.,* p. 21; Luck, *op. cit.,* p. 25.

[19] Citado por Smith, *op. cit.,* p. 287. .

[20]Dods, *op. cit.,* p. 71.

[21] Driver, *op. cit.,* p. 189.

[22]Dods, *op. cit.,* p. 73.

[23]F. B. Meyer, *op. cit.,* p. 29.

[24]/ò .,p. 30.

[25]**Pusey; citado por Perowne, *op. cit.*, p. 77.**

[26] **D. Winton Thomas, "Zechariah" (Exegesis), *The Interpreter's Bihle*, editado por George A. Buttrick *et al.*, vol. VI (Nova York: Abingdon Press, 1956), p. 1066.**

[27]**Meyer, *op. cit.*, p. 32.**

[28]**Smith, *op. cit.*, p. 293.**

[29]**Perowne, *op. cit.*, p. 79.**

[30]**Dods, *op. cit.*, p. 76.**

[31]**76.**

[32]**Luck, *op. cit.*, p. 37.**

[33]**76., p. 39.**

[34]**Cashdan, *op. cit.*, p. 281.**

[35]**76., p. 282.**

[36]**Perowne, *op. cit.*, p. 82.**

[37]**Cashdan, *op. cit.*, p. 282.**

^Thomas, IB, vol. VI, p. 1071.

[39]**Smith, *op. cit.*, p. 297.**

[40]**Perowne, *op. cit.*, p. 83.**

[41]**76.**

[42] **Thomas, IB, vol. VI, p. 1071.**

[43]**Smith, *op. cit.*, p. 298.**

[44] **76.**

[45] Dods, *op. cit.*, pp. 80, 81.

[46]Cashdan, *op. cit.*, p. 285.

[47]Smith, *op. cit.*, p. 301.

[48]Driver, ***op. cit.,*** p. 205; cf. Dods, ***op. cit.,*** p. 83.

[49]Citado por Luck, ***op. cit.,*** pp. 52, 53; cf. Cashdan, ***op. cit.,*** p. 287.

"Driver, ***op. cit.,*** p. 206.

"Luck, op. cit., p. 53; Driver, ***ib.***

"Citado por Smith, ***op. cit.,*** p. 300.

[53]Meyer, ***op. cit.,*** pp. 51, 52.

[54]Baron; citado por Luck, ***op. cit.,*** pp. 51, 52 (cf. Jo 12.31; 16.7-11).

[55] J. E. McFadyen, "Zechariah", ***Abingdon Bible Commentary,*** editado por David D. Downey (Nova York: Abingdon Press, 1929), p. 823.

"Dods, ***op. cit.,*** p. 84. Dods escreve: "Este símbolo revela que a maldade é adulta, sedutora, tramadora e prolifera; mostra que é separável da vida e conduta das pessoas, cujo envolvimento julgava-se ser indissolúvel".

"Thomas, IB, vol. VI, p. 1077.

"Smith, ***op. cit.,*** pp. 304, 305.

[59]***Ib.,*** pp. 305, 306.

"Dods, ***op. cit.,*** p. 87.

"Smith, ***op. cit.,*** p. 306; Thomas, IB, vol. VI, p. 1078; Cashdan, op. ***cit.,*** p. 291.

[62]Cf. Driver, ***op. cit.,*** p. 210.

"Luck, ***op. cit.,*** pp. 60, 61.

[64]Esta reconstrução do texto de modo nenhum invalida a inspiração profética de Zacarias. O mandamento do Novo Testamento que estipula: "Maneja bem a palavra da verdade", impõe sobre nós a responsabilidade de envidarmos todos os esforços em determinar o que essa palavra verdadeiramente é. Tal reconstrução também harmoniza o texto de 6.12b,13a com 4.9: "As mãos de Zorobabel têm fundado esta casa, também as suas mãos a acabarão". .

"Cashdan, ***op. cit.,*** p. 294.

[66] Cf. 7.3: "Os sacerdotes do templo do SENHOR" (NTLH; NVI).

"Cashdan, ***op. cit.,*** p. 295.

“Smith, ***op. cit.,*** p. 321.

[69] Citado por Perowne, ***op. cit.***, p. 102.

[70]Citado por Cashdan, ***op. cit.,*** p. 298.

[71] McFadyen, ***op. cit.,*** p. 824.

[72]Citado por Cashdan, ***op. cit.,*** p. 298.

[73]***Ib.,*** p. 301.

[74]Meyer, op. ***cit.,*** p. 70.

‘Collins, *op. cit.,* p. 755.

SEÇÃO II

[2]Perowne, *op. cit.,* p. 111.

[3]McFadyen, *op. cit.,* pp. 826, 827.

[4]Dentan, *op. cit.,* pp. 1095,1096.

[5] Collins, *op. cit.,* p. 756.

[6]Cashdan, *op. cit.,* p. 305.

[7]Perowne, *op. cit.,* p. 113.

[8]Cashdan faz um comentário sobre esta frase: “A palavra hebraica *tsaddik,* normalmente traduzida por ‘justo’, ‘íntegro’, ‘probo’, aqui provavelmente significa: mostrado estar no direito, defendido em face da oposição, por conseguinte *triunfante.* A palavra hebraica *jasha* (Salvador) é um particípio passivo e deveria ter sido traduzido estritamente por ‘o recebedor de salvação’” (Cashdan, *op. cit.,* p. 306).

[9]Smith, *op. cit.,* p. 467.

[10]Smith, *op. cit.,* pp. 467,468.

“Cashdan, *op. cit.,* p. 307.

[12]Collins, *op. cit,* p. 757.

“Perowne, *op. cit.,* p. 122.

“Collins, *op. cit.,* p. 758.

[15]ANTLH traduz oleiro por “tesouro” (“caixa de coletas”, BV), porque segue a Versão Siríaca que traz a palavra *otsar,* “tesouro”, em vez d*eyotser,* “oleiro”.

“Citado de McFadyen, *op. cit.,* p. 829.

[17] Ver Introdução, “O Livro”.

“Collins, *op. cit.,* p. 759.

[19] Ib.

[20] A frase naquele dia ocorre em 12.3,4,6,8,9,11; 13.1,2,4; 14.4,6,8,9,13,20,21.

[21]Meyer, *op. cit.,* p. 100.

[22]Smith, *op. cit.,* p. 479.

[23] Citado de Collins, *op. cit.,* p. 760.

[24] Ver João 1.36; 1 Coríntios 15.10; e quanto à expressão “o Espírito de graça”, ver Hebreus 10.29.

[25]Perowne, *op. cit.,* p. 133.

[26]Collins, *op. cit.,* p. 760.

[27] Embora o Israel da carne tenha, como um todo, rejeitado Cristo (Rm 10.1-3,18-21), “também agora neste tempo ficou um resto, segundo a eleição da graça” (Rm 11.5). Está escrito que durante “os tempos dos gentios” (Lc 21.24) Israel será rejeitado (Rm 11.2; cf. Rm 11.7-22). Mas quando tiver entrado “a plenitude dos gentios”, então “todo o Israel será salvo” (Rm 11.25; cf. Rm 11.23-32). Zacarias 12-14 em bloco elucida esta última predição feita por Paulo.

[28]Citado por Collins, *op. cit.,* p. 760.

[29]Perowne, *op. cit.,* p. 136.

[30]Perowne, *op. cit.,* p. 138.

[31] Cf. a série paralela de selos, trombetas e taças no livro de Apocalipse.

[32]Collins, *op. cit.,* p. 761.

[33]Meyer, *op. cit.,* p. 109.

[34]Citado por Luck, *op. cit.,* p. 117.

[35]Ver João 12.31-33; 16.11; Marcos 9.1; Atos 1.3.

[36]Meyer, *op. cit.,* p. 111.

[37]76.

[38] Cf. Ezequiel 47.2-12; J13.18; Apocalipse 22.1,2.

[39] A palavra *milênio* é derivada de um termo grego que significa "mil"; a única referência bíblica específica a mil anos ocorre em Apocalipse 20.1-7.

[40] Assim como o v. 21 não é uma predição da restauração de sacrifício de animais.

[41]Meyer, *op. cit.,* p. 116.

[42]76., p. 117.

Comentário Bíblico

**r i r⁴ **

0 *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Oscar F. Reed Armor D. Peisker H. Ray Dunning William M. Grealhouse

Oséias a Malaquias

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que-buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que "subsiste eternamente".

ISBN 85-263-0689-8 9788526 306899